



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
CAMPUS DE LARANJEIRAS

KLISLEIDE MARIA DE ANDRADE

FÁBRICA CONFIANÇA PELO OLHAR DA ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL

LARANJEIRAS
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
CAMPUS DE LARANJEIRAS

KLISLEIDE MARIA DE ANDRADE

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à banca examinadora do departamento de arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, para a obtenção de grau de bacharel em arqueologia, sob a orientação do prof. Dr. Paulo Bava de Camargo.

LARANJEIRAS
2016

KLISLEIDE MARIA DE ANDRADE

Trabalho de conclusão de curso, apresentado a banca examinadora do departamento de arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, para a obtenção de grau de bacharel em arqueologia, sob a orientação do prof. Dr. Paulo Bava de Camargo.

Aprovado em: 27/09/2016

Banca Examinadora

Paulo Fernando Bava de Camargo

Orientador
Universidade Federal de Sergipe

Márcia Barbosa da Costa Guimarães

1º Examinador
Universidade Federal de Sergipe

Gilson Rambelli

2º Examinador
Universidade Federal de Sergipe

Dedico este trabalho, bem como todas as conquistas, à minha família e meu noivo que estiveram sempre presentes em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho também a Deus, minha mãe, Eliane e meu pai, Manoel, por toda a compreensão e carinho, a meus irmãos, Wesley e Wisner, por todo o apoio me dando forças para que pudesse dar andamento a esta pesquisa.

Um agradecimento especial ao meu orientador, professor Dr. Paulo Fernando Bava de Camargo por gentilmente ter me guiado e me ajudado no decorrer deste trabalho, dando todo o suporte necessário. E a todos os professores que me acompanharam durante a graduação.

Muito obrigada a meu noivo, Bruno Oliveira, que compartilhou comigo este momento, sendo paciente em minhas ausências e muitas vezes ajudando a desenvolver a pesquisa.

A Pâmela e Hellen, minhas amigas, que me acompanharam durante essa jornada e sempre torceram por mim.

Obrigado aos entrevistados, por abdicarem um pouco de seu tempo, para ceder informações, sempre serei grata.

Agradeço a todos que de alguma forma me apoiaram, muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa relata as etapas e resultados de um trabalho de conclusão de curso, bacharelado em arqueologia, sobre arqueologia industrial. Abordando a fábrica Confiança, que esta situada no bairro industrial, na cidade de Aracaju-SE. O objetivo foi mostrar como a cultura material é capaz de desvendar as modificações e relatar aspectos sociais. O método de análise foi o mesmo utilizado na arqueologia da paisagem, contando com o apoio de referencial bibliográfico, pesquisas documentais, entrevistas e etapas de campo, onde pode ser identificado mudanças arquitetônicas, relação entre a fábrica e o campo Confiança, associação do atracadouro com a fábrica, além da localização da vila operária e condições de trabalho e moradia.

Palavras- Chave: Arqueologia industrial, Cultura Material, Fábrica Confiança.

SUMMARY

This research describes the steps and results of a completion of course completion, bachelor's degree in archeology, of industrial archeology. Addressing the Confiança factory, which is situated in the industrial district in the city of Aracaju-SE. The aim was to show how material culture is able to unravel the changes and report social aspects. The method of analysis was the same used in landscape archeology, with the support of bibliographic references, documentary research, interviews and steps field where It can be identified architectural changes, relationship between the factory and the Confiança field, berthing association with the factory, plus the location of the working village and working conditions and housing.

Key-words: Industrial archeology, material culture, Confiança Factory.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|-----------|
| Prancha 1: Massaranduba..... | 26 |
| Prancha 2: Engenho Velho..... | 27 |
| Prancha 3: Localização da Fábrica Confiança..... | 32 |
| Prancha 4:Área de Prospecção Sistemática da Fábrica Confiança..... | 42 |
| Prancha 5:Fachada Voltada para o rio Sergipe..... | 43 |
| Imagem 1: ALMAVIVA, Evidências da Reapropriação do Prédio..... | 43 |
| Imagem 2: Confeitaria do Império, Evidencias da Reapropriação do Prédio..... | 43 |
| Prancha 6: Características Preservadas em Parte da Estrutura..... | 44 |
| Imagem 1: Formato triangular da Platibando, Década de 1920..... | 44 |
| Imagem 2: Antiga coluna preservada..... | 44 |
| Imagem 3: Chaminé da Fábrica Confiança..... | 44 |
| Prancha 7: Indícios da Reapropriação..... | 45 |
| Imagem 1, 2 e 3: Portas abertas na fachada da fábrica..... | 45 |
| Prancha 8: Características Antigas preservadas, Fachada voltada para o rio Sergipe...46 | |
| Prancha 9: Características Originais da Fábrica, Voltada para o rio Sergipe.....47 | |
| Prancha10:Características Antigas Preservadas, na Lateral da Fábrica.....48 | |
| Imagem 1 e 2: Marcas de Portas e Janelas Fechadas..... | 48 |
| Prancha 11: Características Antigas Preservadas, na Lateral da Fábrica.....49 | |
| Imagem 1, 2 e 3: Marcas de Portas e Janelas Fechadas..... | 49 |
| Prancha 12: Diferentes Momentos Construtivos.....50 | |
| Imagem 1 e 2:Materialização de diferentes Momentos Construtivos..... | 50 |

| | |
|--|-----------|
| Prancha 13: Fachada Voltada para Avenida João Rodrigues..... | 51 |
| Imagem 1: Fábrica Santa Mônica..... | 51 |
| Imagem 2: ALMAVIVA e Estacionamento Rotativo..... | 51 |
| Imagem 3: Itinerário do Bonde..... | 51 |
| Prancha 14: Jornais da Época..... | 52 |
| Imagem 1, 2 e 3: Recorte de Jornais sobre a Fábrica Confiança..... | 52 |
| Prancha 15: Prospecção Sistemática do Campo Confiança..... | 54 |
| Prancha 16: Diferentes Materiais Construtivos do Campo Confiança..... | 55 |
| Imagem 1: Diferentes materiais construtivos na lateral do prédio..... | 55 |
| Prancha 17: Evidencias Materiais na Lateral do Campo..... | 56 |
| Imagem 1 e 2: Evidencias da tentativa de reconstrução e aumento das Colunas..... | 56 |
| Prancha 18: Elementos Arquitetônicos e Construtivos do Campo Confiança..... | 59 |
| Imagem 1, 2 e 3: Elementos da Antiga Fachada Principal..... | 59 |
| Prancha 19: Elementos Arquitetônicos do Campo Confiança..... | 60 |
| Imagem 1: Modificação da Arquitetura Original das Colunas..... | 60 |
| Prancha 20: Redirecionamento da Fachada Principal..... | 61 |
| Imagem 1: Possível Local para o Emblema do Time..... | 61 |
| Prancha 21: Instalação Portuária..... | 62 |
| Imagem 1e 2: Vista aérea da fábrica e píer no século XIX..... | 62 |
| Prancha 22: Vila Operária..... | 66 |
| Imagem 1 e 2: Vista aérea da Vila Operária no Século XIX..... | 66 |
| Imagem 3: Foto do remanescentes da casa da Vila Operária..... | 66 |

| | |
|---|-----------|
| Prancha 23: Elemento das casas da Vila Operária..... | 67 |
|---|-----------|

| | |
|--|----|
| Imagem 1: Vila Operária no Século XIX..... | 67 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| Imagem 2: Telhado de remanescente da Vila Operária..... | 67 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO 1- CONCEITOS E DEFINIÇÕES SOBRE A PESQUISA..... | 12 |
| 1.1 O que é Indústria | 12 |
| 1.2 Um Pouco de Capitalismo | 13 |
| 1.3 O que é Arqueologia..... | 15 |
| 1.4 Origens da Arqueologia Industrial | 16 |
| 1.5 Arqueologia Industrial no Brasil..... | 20 |
| CAPÍTULO II- ENTENDO O OBJETO DE ESTUDO | 24 |
| 2.1 Desenvolvimento do Bairro Industrial..... | 24 |
| 2.2 Fábrica Confiança pelo Olhar da Arqueologia Industrial..... | 28 |
| 2.3 Campo Confiança..... | 33 |
| CAPÍTULO III- ETAPAS PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO..... | 35 |
| 3.1 Arqueologia da Paisagem..... | 35 |
| 3.2 Analisando as Fontes Documentais, Iconográficas, Orais e Realização da Prospecção Arqueológica..... | 37 |
| 3.2.1 Fontes Documentais e Iconográficas..... | 37 |
| 3.2.2 Fontes Orais..... | 38 |
| 3.2.3 Prospecção..... | 38 |
| 3.2.4 Evidências Materiais..... | 39 |
| CAPÍTULO IV- PROSPECÇÃO..... | 53 |
| 4.1 Campo Confiança..... | 53 |
| 4.2 Instalação Portuária..... | 57 |
| 4.3 Vila e Vida Operária..... | 63 |
| CONSIDERAÇÕES..... | 68 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 70 |
| FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS E ENTREVISTADOS..... | 76 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre a Fábrica de Tecido Confiança, implantada no bairro Industrial, na cidade de Aracaju (SE), que representou e representa um importante marco no processo de desenvolvimento desta região. Fundada no ano de 1907, foi responsável pela instalação de uma vila operária que abrigou dezenas de famílias, além de desenvolver diversas atividades, tendo como destaque, a esportiva, com a criação do time do clube Confiança. As práticas no prédio da fábrica persistem até hoje, entretanto com nova funcionalidade.

Diante destes fatos surgiu o interesse em aprofundar o conhecimento, e buscar compreender as modificações e influências no entorno desta fábrica. Sendo assim, traçou-se um plano de pesquisa e aprofundamento tanto teórico como metodológico acerca da arqueologia industrial aplicada ao objeto de estudo.

Sabe-se que o estudo a respeito da arqueologia industrial ajuda a compreender as relações hierárquicas existentes nas fábricas, além de auxiliar no entendimento do processo evolutivo em seu entorno e da comunidade que a cerca. Desta forma, a implantação de uma indústria têxtil acarreta mudanças significativas no cotidiano populacional em que está localizada, sendo necessário, para melhor entendimento, dividir este estudo destacando os seguintes aspectos: Compreender o papel da referida fábrica para o desenvolvimento local; destacar a influência das relações hierárquicas dentro da fábrica na escolha dos locais de moradia dos funcionários (chamadas vilas operárias); as transformações sofridas desde a sua implantação; a influência da fábrica para a população local; influências sofridas no cotidiano populacional e como isso reflete até a contemporaneidade, tendo em vista que ela gerou emprego e renda e foi patrocinadora de uma associação de esporte.

A fábrica Confiança por ser uma construção industrial tinha grande necessidade de mão de obra. Muitos desses funcionários habitavam nas localidades, ou mesmo, mudava-se para a região no intuito de trabalhar. A observação dos motivos que levavam estes funcionários para aquela localidade e os hábitos e costumes que refletiam o cotidiano daquelas pessoas também representam grande importância nos estudos arqueológicos, porque é por meio disso que será possível entender as relações de determinados grupos em um determinado período de tempo.

Diante de tais evidências materiais, presente na parte externa da fábrica, e de grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa, buscou-se localizar, registrar e contextualizar esse material, direcionando e mostrando o potencial de estudo relacionado à arqueologia industrial. Para que isso fosse possível houve a elaboração de um plano de ação como: levantamentos bibliográficos, fontes orais, pesquisas de campo no entorno e levantamento de dados em arquivos públicos. Utilizando como base de análise bibliográfica autores como: RAMOS(1990), FUNARI(2003), NETTO(2008), SINGER(1986), DECCA(1984), CALAZANS (2013) e outros.

O primeiro capítulo tem como intuito esclarecer informações necessárias para o entendimento da pesquisa, visando conceituar a indústria, o capitalismo, a arqueologia e entender o desenvolvimento da arqueologia industrial; Já no segundo capítulo, é feita uma apresentação do desenvolvimento do bairro industrial, explana-se o surgimento da fábrica confiança pelo olhar da arqueologia industrial e o surgimento do campo Confiança; o terceiro capítulo apresenta as etapas de realização da pesquisa de campo sob a perspectiva da arqueologia da paisagem e analisando as fontes documentais, orais e materiais; por fim, tem-se a análise da cultura material sob o surgimento do campo Confiança, a instalação portuária e a vila operária.

CAPÍTULO I- CONCEITOS E DEFINIÇÕES SOBRE A PESQUISA

1.1 O que é Indústria?

Estabelecer uma definição para indústria aparenta ser uma questão fácil, uma vez que remete a grandes construções, meios de produção e movimentação de mão de obra, entretanto este ainda é um conceito vago a respeito do assunto. Este capítulo irá buscar esclarecer essa questão. Antes é importante ressaltar que fábrica é o prédio e o que acontece dentro deste local é o que se chama de indústria.

Uma importante característica na passagem da produção manufatureira para produção industrial, é que antes o trabalho era realizado pelo homem, e com a produção industrial passou a ser mecanizada. O homem passa a não ter como foco principal produzir, mas se torna responsável pela manutenção e em garantir o bom funcionamento das máquinas (SINGER, 1986).

As máquinas começaram a ser introduzidas não somente para ajudar a criar um marco dentro do qual se podia impor uma disciplina, mas também, muito frequentemente, sua introdução se deveu por uma ação consciente por parte dos patrões para controlar as greves e outras formas de militância industrial. Inclusive, a ameaça da mecanização, com o desemprego implícito que levava consigo, era frequentemente utilizada pelos patrões para manter os baixos salários (DICKSON, 1976, p. 63 apud DECCA, 1984, p. 32- 34).

De acordo com Beckouche (1995), a indústria é dividida de acordo com a produção, essas divisões podem ser classificadas da seguinte maneira:

- Indústrias de bens de produção ou de base

O nome já faz referência, ela fabrica produtos bases para outras indústrias.

- Indústrias de bens de capital ou intermediárias.

A produção é voltada para a fabricação de máquinas, além de equipamentos, e autopeças para outras indústrias.

- Indústria de bens de consumo

As indústrias de bens de consumo podem ser de bens duráveis (ex: Automobilística) e não duráveis (ex: Alimentos).

A fábrica Confiança se enquadra na indústria de bens de consumo, por se tratar de uma fábrica de fiação e tecelagem.

A indústria tem como finalidade produzir algo de utilidade, para ser comercializado para a população, ou outras indústrias, e esse processo acontece por meio da inclusão não apenas de máquinas, mas também da força de trabalho humano.

A localização da indústria observa critérios que levam à maior redução do investimento inicial requerido para a entrada em operação das unidades de produção, porém esta economia inicial é confrontada com a eficiência operacional da empresa ao longo de sua vida útil. A rentabilidade nas atividades econômicas da empresa será analisada sob os aspectos de custos e benefícios para a determinação da macrolocalização. Na maior parte das vezes é possível criar boas condições de localização ao se construir meios de acesso, ou superar problemas climáticos pela tecnologia (KON, 1994, p. 158-159 Apud SOUZA; MUNIZ, 2010, p.4).

A localização de uma fábrica afeta todo o meio social e deixa vestígios que podem ser encontrados não somente na edificação. São justamente com esses indícios que pode ser feita uma pesquisa para entender as modificações ocorridas na localidade decorrentes da inserção de uma indústria e como isso afetou o cotidiano populacional.

1.2 Um Pouco de Capitalismo

O capital tem como objetivo aumentar o rendimento do trabalhador, com intuito decrescer a produção, esse processo acontece por meio da diminuição do trabalho com retorno financeiro e extensão do período em que o trabalhador não está sendo remunerado, mas que continua a produzir (MARX, 1982).

De acordo com Marx (1982) o capitalismo *a priori* foi defendido como um processo econômico e social, em que a forma de produção é separada dos trabalhadores, fazendo com que originasse a classe burguesa, e esta por sua vez, detém o capital, restando uma classe assalariada de trabalhadores.

De acordo com Taylor (1970 apud FELIZARDO, 2010) durante as etapas de produção, o trabalho é dividido em pequenas etapas, e isso exige do trabalhador especialidade e controle sobre a atividade que está sendo desenvolvida. Antes todas as etapas eram desenvolvidas pelo trabalhador, sendo assim, cada um deles conhecia todas as etapas de produção da mercadoria, mas a divisão do trabalho acarretou a sua desqualificação.

A especialização e a fragmentação laboral foram intensificadas na vigência da organização do trabalho de base fordista-taylorista, predominante ao longo de quase todo o século XX, pois a extração e o fracionamento do saber do trabalhador conheceram a sua forma mais aperfeiçoada com a gerência científica desenvolvida por Taylor (1970), e o fracionamento na execução do trabalho tornou-se rotina com o modelo organizacional adotado por Henry Ford (FELIZARDO, 2010, p. 2).

A forma de produção capitalista revela que o taylorismo e o fordismo, ambos podem ser comparados, sendo que os mesmos se completam e modificam o método de desenvolvimento de um produto, uma vez que o aperfeiçoamento dos afazeres ocasionou a diferença entre a força de trabalho com e sem especialização (FELIZARDO, 2010).

O lucro é o que motiva o capitalismo, que busca inovar e aderir a novas técnicas que aumentem a produtividade, para estar aptos a competir no mercado (BRESSER-PEREIRA, 2005).

O autor Ohno (1997 apud FELIZARDO, 2010) relata que diante do período capitalista, a forma de produção, que foi desenvolvido pela Toyota ganha sucesso, entre várias formas de trabalho, uma delas é a diminuição da mão de obra, e o aumento da utilização de máquinas, fazendo assim com que um único trabalhador seja o responsável pela manipulação de diferentes tipos de máquinas, essa forma de produção esta presente em várias industriais, sendo também algo comum dentro de uma indústria têxtil.

A qualidade humana de produzir mais do que o necessário para a subsistência é aproveitada ao máximo pelo sistema do capital. Esse excedente de trabalho é incrementado pelos rearranjos e controle da organização do trabalho, bem como pelo aperfeiçoamento dos meios de trabalho (maquinaria). O investimento em tecnologia industrial incrementa a produtividade, ou seja, o estabelecimento do tempo de trabalho não-pago (FELIZARDO, 2010, p.6).

Em diversos países capitalistas, o toyotismo foi incorporado com grande aceitação pelas empresas e juntou-se ao cenário de tecnologias industriais presentes na economia (HARVEY, 1994).

Com a ascensão do capital financeiro, surgiram formas de "aumentar a produtividade do capital em nível microeconômico, a começar pela produtividade do trabalho". Esse aumento baseia-se no recurso da apropriação da mais-valia, sem preocupação com as consequências sobre o nível de emprego e condições de trabalho ou com os mecanismos das altas taxas de juros (CHESNAIS, 1996, p. 16 apud FELIZARDO, 2010, p.7)

Desta forma, o que se tem é que durante a jornada de trabalho, há o tempo de trabalho pago que é referente ao expediente do funcionário, já o período em que o mesmo passa dentro da empresa depois do seu horário de trabalho é o excedente. No que se refere ao primeiro, o tempo é recompensado pelo salário, já no segundo, o empregador obtém capital, não havendo nenhum retorno para o trabalhador, sendo essa a lei da mais-valia (MARX, 1982).

Há uma luta ali mesmo, onde as classes se produzem. Isto quer dizer que, se pensarmos na gestão da sociedade burguesa, a ordem do mercado, dimensão na qual os homens pensam e agem, torna-se também o lugar (Imaginário e real) onde se opera a

divisão do social (...) A produção histórica de uma classe de proprietários dos meios de produção, ao mesmo tempo que uma outra classe se constitui como assalariada e despossuída, decorre de um confronto que, no final, fez para aparecer para os sujeitos sociais a imagem de que existe a imperiosidade da figura do capitalista, como elemento indispensável para o próprio processo de trabalho (DECCA, 1984, p. 18-19).

A forma de produção capitalista tem como intuito controlar a mão de obra e a forma como a mercadoria é produzida, com o objetivo de aumentar a produção, tendo como aliado o constante desenvolvimento tecnológico, que se mostrou uma importante ferramenta (FELIZARDO, 2010).

Leite (1994) descreve que a automatização das etapas industriais ocorreu devido à ideologia de Taylor, com o desenvolvimento do taylorismo que originou o aperfeiçoamento da classe trabalhadora, sendo inevitável a criação de novos processos industriais. Antes da revolução industrial a oferta era inferior à demanda, após esse marco de desenvolvimento tecnológico, a oferta se tornou superior à demanda.

Com a capacidade de produção muito maior que a demanda, resultado da Revolução Industrial, entrou-se na era das vendas. A ênfase em vendas (para elastecer ao máximo a demanda) representou uma tentativa de encontrar mercado para o excesso de produção ou de capacidade produtiva. Os problemas no projeto, desenvolvimento e assistência técnica, que se tornaram frequentes na produção industrial, decorreram principalmente da perda do contato direto com o cliente e da fragmentação e especialização do trabalho, a ponto de impedir a identificação do trabalhador com o produto final (Felizardo, 2010, p. 11).

Segundo Leite (1994) O método de reorganização das etapas de produção, teve início com o aumento acelerado dos meios de produção. Dando continuidade ao processo de crescimento, os anos seguintes foram marcados pela expansão industrial, mas devido à desqualificação dos funcionários havia um grande índice de rotatividade de trabalhadores.

1.3 O que é Arqueologia

A arqueologia estuda toda a cultura material que foi produzida e tem envolvimento com o ser humano. O objetivo da utilização dos artefatos é extrair informações capazes de compreender o comportamento, para entender, até onde for possível, o desenvolvimento e costumes de grupos sociais do passado (NETTO, 2008).

De acordo com Trigger (2004 apud NETTO, 2008), a arqueologia surgiu com a caça a tesouros, em que se dava valor apenas àquilo de valor estético e financeiro. Com o

reconhecimento da importância dessa cultura material e o crescimento gradativo da arqueologia e de seus métodos de análise essa visão aventureira foi diminuindo.

A utilização da cultura material para entender o desenvolvimento do ser humano e seus hábitos é o ponto chave da arqueologia, como foi mencionado pelos autores anteriores e como Prous (2006) ressalta:

Os especialistas que estudam esses restos de corpos, instrumentos, atividades, moradias, dentro do contexto ambiental da época, são os arqueólogos. Têm os mesmos objetivos dos outros pesquisadores das ciências humanas, mas apenas utilizam métodos e técnicas diferentes (relacionados às ciências da vida e da Terra), e dependem do estudo dos vestígios materiais. Isso os leva a dar grande importância tanto ao que se convém chamar de “cultura material” quanto aos aspectos da vida cotidiana e ao ambiente no qual viveram as populações (PROUS, 2006, p. 6).

A arqueologia tem como objetivo o estudo da cultura material para entender o ser humano, independente da classe, sendo capaz de estudar desde a elite a classe explorada, sendo assim, ela não foca apenas os exploradores, mas também visa entender os explorados, buscando compreender o comportamento e convivência social, com o intuito de refletir e drenar essas informações para a atualidade (FUNARI, 2003).

O desenvolvimento da arqueologia passou por diferentes etapas, até ser o que conhecemos hoje, nesse processo estão presentes várias correntes teóricas, que mostram diferentes métodos de interpretação do passado, mas todas buscam uma forma de compreender a humanidade (ROBRAHN, 1999).

1.4 Origens da Arqueologia Industrial

Antes de iniciar as abordagens mais aprofundadas sobre o assunto, é necessário conhecer a respeito do conceito de arqueologia industrial, desta forma, é importante ressaltar que:

Arqueologia industrial é um campo de estudo relacionado com a pesquisa, levantamento, registro e, em alguns casos, com a preservação de monumentos industriais. Almeja além do mais alcançar a significância desses monumentos industriais no contexto da história social e da técnica. Para os fins dessa definição, ‘um monumento industrial’ é qualquer relíquia de uma fase obsoleta de uma indústria ou sistema de transporte, abarcando desde uma pedreira de sílex neolítica até uma aeronave ou computador que se tornaram obsoletos a pouco (BUCHANAN, 1972, p. 20, apud KÜHL 2006, p. 1-2).

Durante muito tempo os vestígios industriais não tiveram sua devida importância e muitas dessas heranças culturais se perderam ao longo dos anos, em contrapartida e de forma lenta, inicia a busca para conceituar a arqueologia industrial, buscando defini-la (KUHL, 2006).

De acordo com Kuhl (2006) nos anos de 1970 e 1980 houve uma discussão a respeito da arqueologia industrial e a forma como a mesma seria interpretada, dando margem a pensar em uma criação de disciplina independente, entretanto os debates foram diminuindo de forma gradativa com a carta de NizhnyTagil¹, na qual foi descrita a interdisciplinaridade da arqueologia industrial, não sendo mais considerada como disciplina autônoma.

Rosa (2011) fala que o conceito de arqueologia industrial, aconteceu porque este tipo de patrimônio começou a ser visto de outra forma, sendo que antes eles não possuíam a valorização necessária. Essa mudança de visão a respeito do passado industrial ocorreu por conta de muitos desaparecimentos desses monumentos na segunda metade do século XX. Com a destruição que a Segunda Guerra Mundial ocasionou, também foi vítima dessa devastação os monumentos industriais, tendo como consequência o desaparecimento de traços importantes do passado industrial.

Michael Rix² é responsável pelo primeiro relato do termo “arqueologia industrial” (RAMOS, 1990).

O rápido desaparecimento de significativos elementos industriais motivou reivindicações a favor da proteção e valorização desses bens. Tais requisições se deram principalmente nos países que foram pioneiros no processo de industrialização. Assim, entre outros objetivos, a busca de proteção aos bens industriais era movida principalmente pelo sentimento nacionalista (CERDÀ & BONAFÉ, 1995 apud SANTOS, 2014, p.13).

A princípio a arqueologia industrial era remetida ao estudo de vestígios oriundos da revolução industrial, entretanto com o passar dos anos veio também o seu aperfeiçoamento. Somente na década de 70, com a realização de debates em torno da expansão e periodização é

¹O TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial) é a organização mundial consagrada ao patrimônio industrial. O texto desta Carta sobre o Patrimônio Industrial foi aprovado pelos delegados reunidos na Assembleia Geral do TICCIH, de caráter trienal, que se realizou em NizhnyTagil em 17 de Julho de 2003, o qual posteriormente teve aprovação definitiva pela UNESCO (Carta de nizhnytagil sobre o patrimônio industrial, p.01. Disponível em: <<http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>> Acesso em 01 de Junho 2016.

² Michael Rix em seu artigo *The Amateur Historian*, (1950) na Inglaterra, fala a respeito da documentação e preservação dos testemunhos industriais (ROSA, 2011, p.2).

que se percebe que a extensão do período de estudo da arqueologia industrial é bem maior que se pensava. (RAMOS, 1990).

Para a maioria da população, construção de valor histórico ainda é aquela de estilo arquitetônico antigo ou que teve algum dia um uso cultural ou social relevante. Como as fábricas e o mundo do trabalho jamais desfrutaram aqui dessa aura de nobreza, a preservação dos espaços fabris sempre foi vista como algo secundário (MAWAKDIYE, 2006, apud ROSA, 2011, p. 10).

Kuhl(2006) também fala sobre a importância de entender o contexto da fábrica, uma vez que não se faz arqueologia industrial somente com o prédio.

Um ponto importantíssimo é o próprio objeto dos estudos: Todas as definições englobam também as unidades de produção de energia, a sistematização dos meios de transporte e todo o complexo de elementos relacionados à fábrica, e não apenas o local de produção em si. Isso se dá pelo fato de esses dados serem considerados essenciais para a compreensão do processo de industrialização em sua inteireza, aos que almejam os estudos dessa temática(KUHL, 2006, p. 26- 27).

Por meio das informações fornecidas, ficou claro que houve diferentes teorias a respeito do conceito de arqueologia industrial e o período de estudo que ela pode abranger, entretanto não se chegou a um resultado, alguns cientistas têm uma visão mais restrita do período que abarca esse tema de estudo, enquanto outros possuem uma visão mais ampla, expandindo para épocas mais remotas. O que pode ser dito a respeito disso, foi que houve a formação de correntes teóricas, buscando chegar a resultados específicos, entre essas vertentes pode ser destacada as escolas: Inglesas, Italianas, Espanholas e Francesas (SANTOS, 2014).

De acordo com Santos (2014), as escolas teóricas podem ser definidas da seguinte forma:

- Escola Inglesa: Tem como principais defensores, Buchanan, Hudson, Panell. Dentro desta corrente teórica a periodização dos estudos é realizada a partir da revolução industrial. Por outro lado, há os que a interpretam de forma mais ampla considerando que todo o mecanismo de produção que tenha como intuito a mercadoria, engloba o tema de estudo e são objetos utilizados para interpretação.
- Escola Italiana: Tem como pioneiros Negri e Andrea Carandini, nesta linha de pesquisa a arqueologia industrial é entendida como uma ramificação da arqueologia, que tem um enfoque mais voltado para o capitalismo e suas transformações.
- Escola Espanhola: Representada por R. Aracil, que defende que a arqueologia

industrial mostra a sua importância de estudo no período capitalista, uma vez que ela modificou de forma considerável as relações sociais e consequentemente os meios de produção, refletindo na Indústria.

- Escola Francesa: mostra-se diferente por defender duas linhas de pesquisa, em que uma não, se utiliza de documentos escritos para o estudo e análises de interpretação e a outra vê a arqueologia industrial como uma disciplina independente.

O processo de desenvolvimento da arqueologia industrial possui uma conexão direta com os meios de produção e busca pela preservação do patrimônio Industrial. Além do constante foco em mostrar a relevância e o significado por trás da incessante busca em defender os vestígios industriais e sua ligação com os meios de produção atuais da sociedade (BERGERON, 1995 apud SILVA, 2009).

As várias ramificações que a arqueologia industrial originou, são vinculadas diretamente ao capitalismo e o seu processo de crescimento que acarretou a diferenciação na forma de produzir (SILVA, 2009).

O Patrimônio Industrial se compõe dos restos da cultura industrial que possuam um valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Esses restos consistem em edifícios, maquinarias, escritórios, moinhos e fábricas, minas e lugares para processar, refinar, armazéns e depósitos, lugares onde se gera se transmite e se usa energia, meios de transporte e toda sua infraestrutura, assim como os lugares onde se desenvolvem as atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como as moradias o culto religioso ou a educação. A arqueologia industrial compreende um método interdisciplinar para o estudo de toda evidência, material ou imaterial, de documentos, artefatos, estratigrafia, estruturas, assentamentos humanos, terrenos naturais e urbanos, criados por processos industriais. A arqueologia industrial faz uso dos métodos de pesquisa mais adequados para fazer entender melhor o passado e o presente industrial (TICCIH, 2003 apud SILVA, 2011, p.89).

A implantação de uma fábrica em determinada localidade é capaz de modificar o cotidiano populacional, fato que não foi diferente em se tratar da Fábrica de tecido Confiança, que marcou a paisagem e a memória de muitos moradores antigos.

No Brasil a temática foi introduzida pelo historiador Warren Dean, em 1976. O referido historiador influenciado pelas ideias vigorantes nos países europeus e nos Estados Unidos publicou um artigo nos Anais de História da Universidade de São Paulo, intitulado A Fábrica São Luiz de Itu: Um estudo de arqueologia industrial. No seu estudo Dean abordou o processo de industrialização da época, as relações da fábrica com a cidade, a tecnologia construtiva empregada no edifício e a sua trajetória arquitetônica (VICHNEWSKI, 2004 apud SANTOS, 2014, p.15).

A arqueologia industrial iniciou o seu processo de desenvolvimento de forma lenta. De início, teve muito trabalho para ser reconhecida como parte dos estudos da arqueologia,

uma vez que esta é vista por alguns cientistas como algo relacionado ao remoto. Com o passar dos anos e com pesquisas relacionadas, isso fez com que fosse ganhando força, surgindo assim, as escolas teóricas que defendem abordagens e conceitos diferenciados para o seu estudo. Hoje os trabalhos sobre o tema, mesmo ainda não sendo suficientes para a quantidade de objetos de estudo disponíveis para a intervenção, já cresceram de forma significativa e vêm sendo impulsionados, por ter o intuito de preservação e conhecimento dos processos industriais.

A preservação e o estudo dos objetos materiais industriais (que constituem o patrimônio arqueológico industrial) são de extrema importância para que possamos conhecer através deles aspectos significativos sobre os modos de produção, condições de vida e trabalho da sociedade industrial – capitalista de uma determinada época, entre outros objetivos (SANTOS, 2014, p. 24).

Diante do mencionado é certo afirmar que a arqueologia industrial abarca vários olhares, sendo ela capaz de interpretar métodos materiais e imateriais envolvidos durante atividades industriais, que compreende desde o maquinário até ferramentas simples e até mesmo relações estabelecidas no meio industrial.

1.5 Arqueologia Industrial no Brasil

No decorrer das transformações sofridas pela arqueologia histórica no mundo e mais especificamente no Brasil, ocorreram várias modificações, originando discussões e ocasionando o surgimento de diversas ramificações. Uma delas é a citada no trabalho em questão, a arqueologia Industrial que também foi e é tema de diversos debates que tem como finalidade conceituar e definir o seu objeto de estudo.

A priori será feito um breve levantamento a respeito das correntes teóricas originadas da arqueologia e a relação com a arqueologia histórica.

Para iniciar esse levantamento não pode-se deixar de falar do grande precursor da análise arqueológica no Brasil - o PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) que na década de 1960 foi responsável por capacitar grande parte dos arqueólogos. O foco principal do seu trabalho era identificar os sítios, registrar sua localização, e a caracterização de tradições, que tinham associação com populações distintas (SYMANSKI 2007, COSTA 2013 apud SANTOS 2014).

Foi de autoria do PRONAPA grande parte do material estudado provenientes destes sítios. Tratava-se de Cerâmicas e tinha como método de estudo o histórico- culturalismo. Este por sua vez, também teve pesquisas a respeito da aculturação sofrida pelos indígenas, que em contato com os europeus começaram a agregar muito de seus costumes, deixando um pouco de lado seus hábitos para dar lugar a novas características. Tais pesquisas mostram que grupos diferentes são capazes de agregar traços de outro grupo, sendo que aquele que influencia é o superior. O processo de análise sobre este tipo de caso iniciou no fim da década de 1960(LIMA, 1993; SYMANSKI, 2009; COSTA, 2013 apud SANTOS 2014).

A arqueologia histórica passou e ainda passa por diversos debates a respeito de seu objeto de estudo, uma vez que abarca o período da escrita, ou seja, é feito o estudo de períodos e de objetos que possuem registros escritos, sendo assim é vista de uma forma mais recriminada, sendo encarada como uma auxiliar da história e muitas vezes não recebe seu reconhecimento enquanto ciência.

SYMANSKI (apud COSTA, 2009) A arqueologia inicia seu interesse por todas as classes sociais, inclusive as minorias subalternas, estas passam a ser alvo das pesquisas, assim se tem uma mudança no interesse de estudo, a exemplo que antes era observado somente a casa grande de um engenho, com essa nova perspectiva de estudo, se tem o estudo também das senzalas. Buscando entender também o comportamento dos grupos.

Com a substituição das importações os produtos começaram a ser produzidos no Brasil e, como consequência, ganham impulso na produtividade, uma vez que tinham que abastecer o mercado interno, impulsionando o desenvolvimento de indústrias.

A arqueologia industrial torna capaz uma leitura, utilizando a cultura material, para entender os processos de desenvolvimento da indústria e sua relação com o capitalismo, a forma de organização de trabalho dentro da fábrica, e como isso reflete na paisagem (SILVA, 2009).

A partir disso a arqueologia histórica continuou o seu avanço científico e foi ganhando espaço no meio acadêmico. A partir da década de 1990, os trabalhos voltados para a arqueologia histórica e as suas interdisciplinaridades, foram ganhando espaço entre as temáticas abordadas (SANTOS, 2014).

“Na década de 1990 a Arqueologia Histórica brasileira consolidou-se no âmbito acadêmico com a produção de dissertações e teses e com a publicação de livros e artigos sobre a temática” (FUNARI, 2007 apud SANTOS, 2014, p. 22):

É nesse contexto que aparecem as primeiras pesquisas em sítios industriais realizadas por arqueólogos no país. Nesse período teve início no município de São Paulo as pesquisas realizadas pelo Programa de Arqueologia Histórica Municipal. Ele foi coordenado pela arqueóloga do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Margarida Davina Andreatta. E teve a colaboração do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretária Municipal de Cultura (ZEQUINI, 2006 apud SANTOS, 2014, p.21).

Margarida Davina Andreatta começou análises que iriam ser relatadas em sua tese de mestrado (2006) na qual foram feitas pesquisas na fazenda denominada Ipanema, em Iperó. Durante a realização dessas pesquisas, a estudiosa encontrou ruínas, que foram identificadas como sendo de forjas e fornos, que tinham como objetivo a confecção de ferro, tendo como período de funcionamento os séculos XVI e XVIII. Desta forma, acabou dando início a umas das primeiras pesquisas relacionadas a sítios industriais no Brasil (ZEQUINI, 2006).

Outras pesquisas relacionadas à arqueologia Industrial foram sendo desenvolvidas no Brasil, todas elas de grande importância para que a mesma tivesse o seu reconhecimento enquanto prática arqueológica. Como exemplo, temos um estudo, que também teve como pesquisadora Margarida Davina Andreatta (1999) que ocorreu no Engenho dos Erasmos em Santos – SP onde estava incluso não somente as suas ruínas, mas também o entorno do local, o projeto foi realizado por meio de uma parceria entre a Universidade de São Paulo (USP) e a prefeitura de Santos (ZEQUINI, 2006).

O Projeto do Erasmão teve como sua finalidade a recuperação e preservação do engenho. Em junho de 1996 foi o início da prospecção e em dezembro de 1996 foi o final dos estudos, ao todo foram seis meses, em que aconteceram algumas etapas: Levantamento documental, pesquisa de campo e escavação. Foram encontrados materiais como: lítico, cerâmica, louça, porcelana, faiança, vidro e metal (ZEQUINI, 2006).

Rodrigues faz uma referência a respeito da influência das organizações industriais para o desenvolvimento das localidades e quando teria iniciado esse ciclo no Brasil:

Em alguns casos, principalmente se observa as empresas pioneiras no processo de industrialização do Brasil, seja em um período mais remoto — final do século XIX ou início do século XX — ou mesmo mais próximo, tem-se que as organizações, em alguns casos, contribuem para o desenvolvimento local, não somente sob o ponto de vista, do capital, mas também sob a égide do social. Tal processo de instalação e desenvolvimento de setores produtivos seja industrial ou agropastoril, ocorre no Brasil desde os séculos XVII e XVIII com o desenvolvimento dos ciclos e da “indústria” da cana-de-açúcar, do ouro, do café e outros menores como do fumo e borracha (SILVA, 2011, p. 99).

Silva (2009) deixa claro como esse tipo de organização modifica a localidade, ajuda no processo de desenvolvimento social e financeiro. Tais afirmações se mostraram corretas mediante as pesquisas realizadas na Fábrica Confiança, localizadas no bairro industrial na cidade de Aracaju- SE, onde foram mostrados os processos de desenvolvimento da localidade e as mudanças ocasionadas pela instalação das fábricas no bairro industrial. Os resultados dessas verificações serão mostrados no decorrer da pesquisa.

CAPÍTULO II- ENTENDENDO O OBJETO DE ESTUDO E LOCAL DE IMPLANTAÇÃO

2.1 Desenvolvimento do Bairro Industrial

Sabendo que a implantação da fábrica acarreta mudanças na localidade e tendo em mente que o entendimento do processo de modificação não é feito com o estudo somente do prédio, mas também de seu entorno, é importante reservar um espaço para mostrar o desenvolvimento do bairro e as modificações ocasionadas com a chegada das fábricas.

Segundo Barboza (2012) No decorrer da metade do século XIX Sergipe começou a sofrer transformações, dentre elas a mudança da capital do estado de São Cristóvão para Aracaju que acarretou uma modificação urbana, que teve como um dos resultados a instalação de fábricas no bairro Industrial, na época conhecido como Massaranduba, de acordo com a **(prancha 1)**.

Nos primeiros anos da Capital era Chamado de Massaranduba[...]. No correr da segunda metade do século passado, vai ficando conhecido como Chica Chaves nome que caiu no gosto do povo e que ainda muito se ouvia nas primeiras décadas do século atual, disputando com vários nomes aplicados ao Bairro. O funcionamento da fábrica “Sergipe Industrial” [...] e o início da construção da Fábrica Confiança, em julho de 1908, fizeram aflorar aos lábios aracajuano, sob sentimento de progresso, o título de Bairro Industrial (MELINS, 2007, p. 102 apud ALMEIDA, 2014, p.28).

O bairro conhecido hoje, como bairro industrial, passou por diversas nomenclaturas até ser conhecido por este nome, neste tópico será esclarecido a respeito dessas mudanças, além de buscar entender também o processo de desenvolvimento local.

A princípio o bairro era conhecido como “Massaranduba”, com o tempo passou a ser denominado de “Chica Chaves”, entretanto com a chegada das fábricas de tecido, começou a ser chamado de “O tecido”, posteriormente em 1913 recebeu o nome de “Siqueira de Menezes”, mas não teve grande aceitação pela população local, após a chegada das indústrias, passou a ser chamado pelo nome conhecido até hoje, “Bairro Industrial”. O escritor em seus relatos fala sobre o porquê, do nome Chica Chaves: De acordo com entrevistas feitas por ele aos moradores antigos da região, ela era uma senhora muito conhecida em Sergipana, proprietária de um sítio no norte da cidade. O autor aponta que não encontrou a localização exata, mas o mesmo era frequentado por pessoas de renome na cidade (PORTO,2006).

Sobrinho (2005) fala a respeito do assunto, onde cita a possível localização das terras mencionadas acima e que pertencia a uma das influenciadoras da nomenclatura do bairro. O autor relata que havia um engenho, cuja localização era próxima a colina de Santo Antônio, ao lado das fontes do Manuel Preto, este engenho pertencia a Chica Chaves, depois ao padre José Bernardinho da Silva Botelho e ao também padre Antônio José Chaves, anos depois ao Dr. Ernesto Vieira e posteriormente ao desembargador Simeão Sobral (**prancha 2.**).

Ouvimos D. Hortência Fonseca Carvalho que, gentilmente, nos contou que o Dr. Ernesto, ao falecer, ainda solteiro, legou o seu sítio a parentes seus, membros da família Quintiliano da Fonseca. Entre eles estava a esposa de Simeão Sobral, daí Nobre de Lacerda ter dito que o mesmo era proprietário. O Sr. Afonso Fonseca, ao mudar-se para Salvador, passou o sítio para o seu irmão Dr. Francisco Fonseca. Este tentou dar nova denominação ao sítio, mas foi vencido pela insistência da população em chama-lo de sítio Chica Chaves (PORTO, 2006, p. 140).

O autor Porto (2006) faz menção a um recorte de jornal, onde está descrito a respeito da possível história de Chica Chaves, o jornal em questão se trata do “Jornal do Povo” do ano de 1917, o recorte é apresentado da seguinte forma: “Nascida entre os anos de 1825 e 1826, num pequeno arraial existente entre as fontes de Manuel Preto e o engenho velho, no caminho que leva a Getimana”. O mesmo segue narrando a respeito, onde relata que no mesmo local do engenho ficou conhecido um sítio, titulado de “Sítio do Aprígio” que era popular pela produção de manga rosa.

Não encontramos ato oficial dando a denominação de bairro industrial, nome que começa a aparecer na passagem da década 10 para 20. Presumimos tratar-se de designação oficiosa, talvez para não melindrar o general Siqueira, que ainda bem vivo na época. Foi também um ato sentimental, promovido pela presença das grandes fábricas de tecidos (PORTO, 2006, p.141).

Em um anúncio de vendas do jornal “Correios de Aracaju” escrito por João Menezes, e com data de publicação dia primeiro de novembro de 1906, está presente o nome da localidade, recorte descreve da seguinte forma: “Vende-se um sítio a beira mar no arrabalde Chica Chaves, com um Chalé e outras casas menores, por preço razoável”.

PRANCHA 1

PRANCHA 2

2.2 Fábrica Confiança Pelo Olhar da Arqueologia Industrial

A arqueologia industrial passou por um processo de desenvolvimento gradativo. Durante esse período muitos dos objetos de estudo que estariam relacionados a ela foram destruídos, causando assim, a perda de materiais históricos e arqueológicos que poderiam ser utilizados para estudos e entendimento dos processos industriais em determinados locais. O acesso a esses materiais gera um maior conhecimento acerca da economia e etapas de desenvolvimento da indústria em uma região.

Diante disso, o projeto ao qual esse trabalho se refere busca evidenciar a Fábrica de Tecido Confiança em um olhar arqueológico, para que desta forma, possa entender a importância da mesma para o desenvolvimento do Bairro Industrial (Aracaju- SE) local em que foi implantada. Evidenciar também, a vila operária, a criação de um clube e com ele o campo de futebol, que até hoje se encontra em funcionamento, sendo utilizado pela comunidade.

Apesar de não ser reconhecido formalmente como um patrimônio histórico e arqueológico, a Fábrica Confiança possui grande importância para a história local e faz parte do processo de desenvolvimento industrial em Sergipe.

Keller (1998) faz um apontamento em relação aos meios industriais e a formação cultural nos locais onde foram estabelecidos:

Desta forma, o desenvolvimento desta centralidade em torno das organizações tem influência na formação ou no desenvolvimento de cidades, sendo assim, um dos principais fatores de aglutinação social e mesmo de formação cultural dos centros em que se estabeleceram. A busca por um compartilhamento das necessidades sociais entre empregados e empresa determina, desta forma, uma peculiaridade nas relações estabelecidas em que existem particularidades em relação às organizações que não estabeleceram como fruto de suas atividades a criação de vilas operárias ou quaisquer aglomerados sociais constituídos de funcionários e suas famílias (KELLER, 1998 apud SILVA, 2011, p. 93).

Da mesma forma que a implantação de um complexo industrial tem uma influência forte no meio em que é inserida, não foi diferente em relação à implantação da Fábrica de tecido Confiança, sendo que a mesma apresentou um grande diferencial em relação a outras por conta da prática de futebol que *a priori* foi desenvolvida para os funcionários.

A preservação e o estudo dos objetos materiais industriais (que constituem o patrimônio arqueológico industrial) são de extrema importância para que possamos conhecer através deles aspectos significativos sobre os modos de produção, condições de vida e trabalho da sociedade industrial – capitalista de uma determinada época, entre outros objetivos (SANTOS, W., 2014, p. 24).

A Fábrica foi fundada em 1907, pelo Coronel Sabino Ribeiro³, que investiu na produção de tecidos para exportação, fora do estado. A administração era feita pelo grupo Ribeiro, Chaves e Cia, no ano de 1910, possuía 150 teares⁴ (ROMÃO 2000 apud ALMEIDA, 2014).

Almeida (2014) comenta que a matéria prima utilizada era o algodão, que tinha fabricação local, e as mercadorias fabricadas eram diversas “A exemplo: bolivarianas, riscados, brins, toalhas algodãozinho, chalés, lisos, malharia, colchas” (ALMEIDA, 2014, p. 28).

Entre os anos 1915 e 1918, manteve a estabilidade de 230, mas nos anos seguintes, por conta de fatores do governo, houve um considerável aumento chegando até 350 teares no ano de 1922. Prosseguindo na análise o autor ainda conta que o número de fusos, no setor de fiação, também sofreu um aumento tendo até 10.000 em 1922, enquanto que, aproximadamente no ano de 1916, contava apenas com 8.500 (SANTOS, W., 2014, p. 30 apud ALMEIDA, 2014, p. 28).

As atividades desenvolvidas no prédio persistem até a contemporaneidade e atualmente o local comporta mais de um estabelecimento, sendo que o que mais se assemelha a função original é uma fábrica de toalhas denominada Santa Mônica.

No período que compreende a sua implantação até os dias atuais, não somente o prédio, mas todo o entorno passou por modificações que puderam ser observadas em atividades de análise e registros. Tais pesquisas buscavam vestígios materiais que pudessem ajudar a entender os processos de desenvolvimentos, mudanças e o contexto industrial em que estava e está inserida.

A fábrica se encontra localizada na Av. João Rodrigues, no Bairro Industrial (**Prancha 3**), estando em um ponto estratégico, em frente ao rio, e onde pode ser verificado também vestígios de um possível local de carga e descarga de materiais, que será mais detalhado no capítulo 4.

A sua imponência persiste até hoje, mesmo tendo sua fundação em tempos mais remotos e muitas modificações, tanto no estabelecimento quanto no entorno do local. O

³“O Coronel Sabino Ribeiro era comerciante e tinha o anseio da criação de mais um estabelecimento têxtil na capital sergipana, embora poucos acreditem no êxito desse empreendimento. Após a morte do coronel a sua esposa Joana Ribeiro assumiu os negócios e colocou no cargo de gerente da empresa um dos seus filhos Joaquim Sabino Ribeiro, que também exercia as funções de membro do Departamento Administrativo do Estado” (ALMEIDA, 2014, p. 28).

⁴ROMÃO, Frederico Lisboa. Na trama da história: O movimento operário em Sergipe-1871 a 1935. Aracaju: Gráfica J. Andrade Ltda. 2000, p. 51 apud ALMEIDA, 2014, p.27.

prédio ainda funciona, mas agora foi dividido em três funções distintas, uma empresa de telemarketing, lanchonete e uma fábrica de toalhas.

A arqueologia industrial, apesar de ter ganhado espaço no meio acadêmico, passou e passa por um processo de desenvolvimento e reconhecimento, a respeito da importância desses patrimônios para o entendimento da história local.

As evidências desta desvalorização foram perceptíveis durante a elaboração desta pesquisa, em que houve a necessidade de buscar por informações que pudessem relatar um pouco mais acerca da fábrica e seu entorno, mas foi constatado que não existem muitos trabalhos específicos sobre a fábrica e a mesma foi descaracterizada, antes mesmo que pudessem ser registradas muitas de suas características construtivas originais, ocasionando perda de muitas informações que poderiam ser extraídas através da cultura material.

| Fábrica Confiança- Firma Social Ribeiro, Chavez e Cia- ARACAJU(SE) | | | | | |
|---|---------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Operários | Ano | 1919 | 1920 | 1921 | 1922 |
| | Adulto (masculino) | 127 | 72 | 104 | 224 |
| | Adulto (Feminino) | 226 | 250 | 440 | 461 |
| | Menores(Masculino) | 14 | 36 | 25 | 44 |
| | Menores (Feminino) | 65 | 96 | 31 | 82 |

Quadro feito com base nos relatórios dos presidentes do Estado de Sergipe apud ALMEIDA (2014)

De acordo com a tabela acima fica evidente que a Fábrica Confiança, possuía como maior número de funcionários, os do sexo feminino, mas isso não era exclusividade apenas dela, na maioria das indústrias da época, as mulheres estavam em maior número.

De acordo com Calazans (2013) os trabalhos mais “delicados” que pediam “um pouco mais de jeito” à força, eram destinados às mulheres. As atividades desempenhadas na fábrica exigiam mais cuidados e isso reflete nos resultados da tabela.

Geralmente as mulheres recebiam menos que os homens, mas estavam presentes em maior quantidade, a exemplo do ano de 1921 que possuíam 104 rapazes para 440 moças. Da mesma forma estava caracterizado o trabalho de menores, sendo a preferência por meninas. Essa diferença é numericamente perceptível. Continuando a verificação a respeito dos dados da tabela, pode ser visto que existiam menos crianças que adultos. Entre as crianças, o número de meninas também era maior que o de meninos.

Em se tratando de um trabalho de pesquisa arqueológica, não podiam faltar as pesquisas e análises de campo. Essas compreenderam visitas ao local, fotografias, registros e todas as possíveis evidências que pudessem estar relacionadas à fábrica, buscando assim respostas por meio das fontes materiais. Como eram poucas as informações escritas, o trabalho de campo preencheu lacunas, tornando possível responder questionamentos, sendo que essas informações serão evidenciadas no decorrer do trabalho.

Foram feitas pesquisas, em fontes documentais e iconográficas que pudessem auxiliar no processo de entendimento do desenvolvimento do bairro e da fábrica. As pesquisas foram realizadas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, arquivo público, biblioteca Epifânio Dória, além de web sites. É importante salientar também os levantamentos orais, por meio de entrevistas com os moradores, em que foi aplicado um questionário, em busca da visão e conhecimento que os mesmos possuem, complementando assim as pesquisas.

As análises de campo foram feitas por meio de pesquisas no entorno, observando características que fossem significativas e de relevância, onde houve uma verificação, análise e registro. Sendo assim, a metodologia utilizada nesta pesquisa, compreende a utilização de recursos que envolvem a memória oral e pesquisas bibliográficas em arquivos.

Houve também levantamentos das informações do bairro por meio de coleta de depoimentos orais de antigos moradores locais, em que foi possível observar seus conhecimentos a respeito da fábrica. É importante salientar que foram feitos registros visuais dessas etapas de campo.

Este trabalho está sendo direcionado por uma pesquisa cujo objeto de estudo é a fábrica de tecido Sergipe Industrial, localizada no mesmo bairro da fábrica de tecido Confiança. Trata-se da monografia feita pela graduada em arqueologia Ana Flávia Souza Santos, cujo tema foi **POTENCIALIDADES DA ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL EM SERGIPE: ESTUDO DE CASO DA FÁBRICA DE TECIDO SERGIPE INDUSTRIAL**.

PRANCHA 3

2.3 Campo Confiança

Na década de 1940, o futebol já se fazia popular tanto nas classes mais favorecidas como nas menos favorecidas, e por ser um esporte barato para ser praticado, estava ganhando cada vez mais adeptos. A repercussão e a fama que o esporte ganhou, despertou o interesse do responsável pela Fábrica Confiança. Assim sendo, em 1949 surgiu o time de futebol, que a princípio foi controlado pela fábrica e em 1955 se emancipou. Não demorou muito para formar-se uma torcida que lotava o estádio e havia até mesmo slogans, um deles era “O Gigante Operário” (SANTOS, W., 2014).

A Fábrica Confiança controlava um time de futebol que passa a existir a partir de primeiro de maio de 1949 e que só vem a ter separação da fábrica em 1955. Assim como todos os clubes futebolísticos operários do país o time confiança estava subordinado à fábrica e controlado pelo patrão Sabino Ribeiro. O mesmo fazia investimentos no clube, tais como a construção e a inauguração do estado do confiança nos dia 30 de abril de 01 de maio de 1955 (SANTOS,W., 2014, p. 141).

No período em que o time estava atrelado a fábrica, ele estava sujeito a Sabino Ribeiro que fazia constantes interferências, utilizando o esporte para ajudar a estabelecer a disciplina. Sabino Ribeiro sempre procurou fazer investimentos para o clube e o maior deles foi a criação do estádio (SANTOS,W., 2014).

Esta iniciativa compartilhava o novo modelo de fábrica/sociedade, que se queria. A fábrica como geradora de emprego e de progresso, incorporou em sua ideologia, as perspectivas de “lazer” advindas dos Estados Unidos e da Europa. Assim, o lazer, que já era um prolongamento do trabalho, passa a ser agora uma instituição geradora de espetáculo. Não se descarta que, a partir da construção de um bem simbólico como o esporte, a “paixão”, por parte de seus idealizadores, ganha outra dimensão, para além de uma esfera eminentemente do capital; no entanto, esta última passa a ser dominante (RIBEIRO, 2005, p. 94).

A disciplina aprendida dentro do esporte tinha como intuito refletir a organização operária dentro da fábrica, uma vez que a criação de regras visava impedir brigas , uso de termos ofensivos, mostrando assim uma boa imagem que refletia na divulgação do nome da fábrica (SANTOS, W., 2014).

De acordo com Marx(1964 apud Ribeiro, 2005) a alienação que o trabalhador sofre, não permite perceber o esporte como uma forma de buscar dominação, e sim apenas como um benefício dos trabalhadores, fazendo com que eles não sejam capazes de ver que faz parte do “esporte- espetáculo”.

A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto assume uma existência externa, mas que existe independente, fora dele, e se torna um poder autônomo em oposição com ele que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica (MARX , 1964, p. 160 apud RIBEIRO, 2005, p. 20).

“O que corrompe o esporte e degrada a natureza do jogo, não é tanto o profissionalismo ou a competição, mas a desintegração das convenções que os estruturam socialmente, o que acarreta sua banalização. Assim, o ritual, o teatro e o esporte degeneram em espetáculo” (BELLONI, 2001, p. 96 apud RIBEIRO, 2005, p. 21).

A criação do clube de futebol e posteriormente o campo do Confiança, trouxe momentos de lazer para os operários da fábrica, mas o intuito da criação dessa prática esportiva não foi apenas com propósito de beneficiar os funcionários, foi uma forma de divulgar o nome da fábrica e torná-la mais conhecida, utilizando o futebol para controlar e disciplinar os operários.

CAPITULO III- ETAPAS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

3.1 Arqueologia da Paisagem

Levando em conta que o local de pesquisa está situado em uma região urbanizada e com grandes mudanças em seu entorno, foi utilizada a ótica de pesquisa da arqueologia da paisagem.

Arqueologia da paisagem é a linha de pesquisa que melhor sustenta os estudos de arqueologia preventiva. Enquanto subcampo, ela estuda o processo de artificialização do meio, na perspectiva dos sistemas regionais de povoamento. Seu tema central é a reconstrução dos cenários das ocupações humanas, com foco na dispersão das populações pelo ecúmeno, episódio que gerou paisagens específicas (MORAIS, 2007, p. 103).

Na arqueologia o termo paisagem é visto sobre a observação da sociedade, buscando identificar como o espaço pode ser sempre modificado pelo homem, podendo ser visto como uma forma de estudo para entender as transformações do ambiente, ou seja, por meio da paisagem, busca-se chegar aos autores da mesma (MORAIS, 2007).

A arqueologia é, por seu turno, uma ciência que vive essencialmente da paisagem. Antes de proceder a uma sondagem e, muito menos, a escavação sistemática, o arqueólogo analisa demoradamente o local, os vestígios, a exposição aos raios solares, os ventos dominantes, as linhas de água, a fisionomia do solo. Não erramos, de certo, se proclamarmos ser o arqueólogo aquele investigador que, depois do geógrafo mais privilegia a paisagem (D'ENCARNAÇÃO, 1989, p. 202).

Essa linha de pesquisa é a que menos modifica os sítios arqueológicos, buscando mostrar que é possível reconstruir e identificar formas de vida e como essas pessoas organizavam-se, em um determinado espaço, causando o menor impacto sobre a cultura material (MORAIS, 2007).

É preciso que haja um conhecimento a respeito da arqueologia da paisagem, pois é por meio dela que se pode encaixar informações sobre as sociedades sem uma intervenção que possa destruir o sítio, nem modificar o mesmo de sua forma original, uma vez que a mesma trabalha toda e qualquer área, onde pode ser evidente a modificação ocasionada pelo ser humano (KORMIKIARI, 2014).

Moraes (2007) fala a respeito do estudo de materiais arqueológicos e a importância de preservar o máximo de características do sítio pesquisado.

Há de se considerar que os recursos arqueológicos são finitos e a ordem é preservá-los na harmonia do desenvolvimento sustentável. Para isso se vislumbram pelo menos duas opções: A evidenciação, leitura, registro e coleta de materiais

arqueológicos para preservação *in situ* ou a sua leitura, registro e manutenção na posição original, definida uma medida de proteção adequada para preservação *in situ*. Alguns fatores, especialmente de ordem econômica (a escavação é onerosa), técnica (há instrumentos modernos que rastreiam os registros arqueológicos, sem tocá-los) e de conservação (a escavação desmonta o sítio), vêm colaborando para que se firme a ideia da fidelidade de outros tipos de intervenção, além da escavação (MORAIS, 2007, p. 101).

A existência do ser humano, entendendo o mesmo como algo isolado ou organizado em sociedades, não pode ser pensada sem levar em consideração a relação do mesmo com o ambiente que está inserido, ocasionando assim, uma modificação na paisagem. Desta forma, a arqueologia busca o entendimento desse meio, uma vez que antes de realizar qualquer tipo de intervenção como uma sondagem ou uma escavação sistemática, ela observa o local e os vestígios materiais (D'ENCARNAÇÃO, 1989).

O homem manipula e altera a paisagem ao seu redor, construindo um novo ambiente. Este novo ambiente que é criado pelos homens vivendo em sociedade, engloba toda sorte de edifícios: Casas, locais de ritos e cultos (templos e santuários); vias de passagem de um lugar a outro; locais de reunião (política, economia e social); os mais diferentes tipos de aposentos (públicos e privados) e, por fim, pontos estratégicos nas fronteiras do território dominado, como marcos de proteção daquela sociedade (KORMIKIARI, 2014, p. 12).

A construção do local deixa vestígios que também pode falar muito a respeito da hierarquia social, uma vez que essa estrutura material manifesta traços organizacionais. Pode-se assim dizer que o ambiente é capaz de indicar formas de organização. As características presentes na cultura material devem ser analisadas pela ótica de um arqueólogo, para assim converter evidências materiais, que foram vestígios de uma determinada população e transformarem situações e costumes sociais em que elas viviam, utilizando assim a cultura material para entender uma sociedade e compreender suas práticas e costumes. Mostrando desta forma que a cultura material é capaz de ser utilizada para entender a sociedade que a produziu (KORMIKIARI, 2014).

Este trabalho utilizou os métodos de pesquisa da arqueologia da paisagem, método de análise que visa observar todo o contexto da área estudada, sem realizar intervenções diretas no local que possam causar uma modificação no sítio a ser estudado.

3.2 Analisando as Fontes Documentais, Iconográficas, Orais e a Realização da Prospecção Arqueológica

3.2.1 As Fontes Documentais e as Iconográficas

As fontes documentais foram ferramentas utilizadas para o desenvolvimento das pesquisas, sendo elas de grande importância, uma vez que foram encontradas várias evidências que auxiliaram nas etapas e elaboração. Essas pesquisas foram feitas tanto em fontes eletrônicas como busca por artigos e livros, além de pesquisas em arquivos públicos e museus.

[...] Cualquier escrito, resto o vestigio del pasado, lejano o próximo, es útil si aporta alguna información. No hay un tipo de datos seleccionables a priori, por lo que cualquier documento es una fuente potencial de información. Todo depende de las cuestiones o los problemas definidos por la investigación.... No hay un tipo de fuentes más importante que otro, ninguna tiene preeminencia sobre las demás. Las fuentes escritas no son subsidiarias de las demás [...] (CERDA, 2008, p. 132, Apud SANTOS 2014, p.29)."

O pesquisador deve estar muito atento à forma como irá utilizar as fontes primárias, estes documentos exigem muita atenção nas informações contidas, pois muitas delas foram produzidas por uma elite, e muitos dos acontecimentos narrados devem ser questionados, por se tratar de um documento facilmente manipulado pelas mãos do escritor, sempre devem ser verificados de todas as óticas para evitar equívocos, e somente após isso ser incluso suas informações na pesquisa, visando assim a obtenção de bons resultados (PRADO, 2010).

Mas, a verdade detectada em um determinado acontecimento, nunca será a realidade pura, como ocorreu, porque estamos sempre fazendo uma reinterpretação do que se passou. São necessárias, deste modo, a elaboração de hipóteses, por contribuírem com os questionamentos a serem feitos aos documentos. O caminho a ser seguido na pesquisa é determinado em função das hipóteses levantadas pelo pesquisador. Essas hipóteses serão analisadas, comprovadas ou não e, suscitarão outras hipóteses, é um trabalho contínuo de descobertas (PRADO, 2010, p. 125).

As pesquisas devem observar as aparências do que o material retrata e também as fontes documentais, é necessário investigar o que envolve o objeto a ser pesquisado, buscando entender a sociedade e não apenas fatos isolados, pois a arqueologia tem bons resultados quando trabalhada interpretando o contexto (PRADO, 2010).

Entendemos que a análise e utilização das fontes documentais são indispensáveis na Arqueologia Industrial, uma vez que a finalidade da disciplina consiste essencialmente em produzir conhecimento histórico. No entanto é preciso ressaltar

que os documentos escritos estão carregados de intencionalidades por parte de quem os escreveu (SANTOS, 2014, p.30).

3.2.2 As Fontes Orais

Na constante busca por informações, foi também realizado um levantamento de fontes orais, este levantamento foi realizado com moradores do bairro nas proximidades da fábrica e do campo Confiança, a maioria dos entrevistados já trabalhou na fábrica e moraram na vila operária.

Para obter bons resultados, foi realizado *a priori* um questionário, onde buscou-se o conhecimento e opiniões a respeito do bairro, a fábrica, o complexo esportivo e a descaracterização do prédio.

A fonte oral é um grande veículo de informações complementares, uma vez que por meio delas podem ser obtidos dados que ainda não foram transformados em registros documentais, além de possibilitar um conhecimento que nem sempre está presente nas informações materiais, informações essas que podem ser um ponto chave para a pesquisa, fornecendo testemunhos a respeito de relações, condições e cotidiano do trabalho e as mudanças sofridas no local no decorrer dos anos (CERDA, 2008 apud SANTOS 2014).

Todas as informações recolhidas foram de grande importância, e com o auxílio das mesmas foi possível entender um pouco sobre as modificações sofridas no prédio, por conta do desenvolvimento urbano, e onde a vila operária estava inserida naquela paisagem em um dado período de tempo ea funcionalidade do Campo Confiança para a população local.

Vale ressaltar que todos os entrevistados tiveram papel fundamental no desenvolvimento do trabalho e muitos dos fatos relatados auxiliaram na compreensão das informações que já haviam sido verificadas e que somadas ao relato dos moradores, foram complementadas e mostraram resultados mais conclusivos preenchendo muitas das lacunas existentes.

3.2.3 A Prospecção

Uma vez que a cultura material é utilizada como fonte de estudo para o desenvolvimento da pesquisa, foi feita a observação no entorno da edificação da antiga fábrica Confiança, onde foi identificado o local da vila operária, por meio de uma prospecção

sistemática, fazendo a evidenciação através de fotos, ressaltando os pontos que estavam destacados como peça chave para o entendimento das mudanças ocorridas na construção.

A princípio foi apresentada a fábrica e suas modificações ao longo do tempo, em seguida o Campo Confiança e as instalações da antiga vila operária. Todo esse levantamento foi feito através de visitas e observação no local, onde foi traçado um percurso, tornando possível a coleta de várias informações relevantes (**Prancha 4**).

Com a realização desta etapa de campo, vários fatores ficaram expostos, como as modificações sofridas no prédio da fábrica, as características que ainda permanecem, mesmo com o decorrer dos anos, os aspectos do Campo Proletário Confiança, hoje mais conhecido como Campo Confiança, além de elementos que revelam uma possível e antiga instalação portuária, sendo assim, todos os elementos utilizados para a pesquisa e levantamento, formaram um conjunto, e por meio disto foi possível obter dados importantes.

3.2.4 Evidências materiais

O prédio hoje pertence ao grupo Franco, do empresário Sergipano Ricardo Leite Franco. Parte do prédio está sendo utilizado pela sua Indústria têxtil “Santa Mônica” que é responsável pela fabricação de tecidos “crus”. O restante do prédio ficou disponível para aluguel, e foi assim que outras empresas foram sendo introduzidas no mesmo edifício da fábrica, que antes pertencia apenas a Fábrica Confiança, como a empresa de telemarketing ALMAVIVA e uma lanchonete.

Foi feito um levantamento sobre os diferentes momentos construtivos que ainda são perceptíveis na fachada do prédio, por meio de registros fotográficos e prospecção. Por conta das mudanças sofridas na paisagem e do processo de desenvolvimento, que a localidade sofreu, o prédio passou por mudanças e hoje, a maior parte se encontra descaracterizado e com nova funcionalidade.

Foi possível fazer um levantamento dos traços originais da fachada da fábrica, algumas dessas características, além de observadas em campo, foram relatadas no trabalho de Santos (2014), onde a mesma faz menção a respeito das janelas da fábrica Confiança:

Que possuíam cercadura; no entanto, somente três janelas eram retangulares, o restante era em um formato de arco pleno (...) Na fábrica Confiança o frontão com formas triangulares ornamentava a platibanda de acesso principal ao edifício, as formas triangulares da antiga fábrica Confiança ainda permanecem na edificação, atualmente denominada Santa Mônica (SANTOS, 2014, p. 65).

Santos (2014) continua relatando a respeito de outras características como o frontão com formas triangulares na platibanda de acesso principal ao edifício, e que o mesmo possuía características do ecletismo que é um estilo arquitetônico em que são apresentados vários estilos em um único edifício.

Muitas características e elementos arquitetônicos originais foram modificados, por conta da mudança de funcionalidade do prédio, essas transformações ocorreram, não somente na fachada do edifício, mas também em seu interior. A exemplo da fachada da fábrica voltada para o rio, em que é possível verificar que em um mesmo prédio, funcionam três estabelecimentos, como mostra a **(Prancha 5, imagem 1, 2 e 3)**, que são compostos pela fábrica Santa Mônica, Confeitaria do império e Empresa ALMAVIVA, ambos possuem funcionalidades distintas.

A ALMAVIVA ocupa parte da área da antiga Fábrica Confiança, no Bairro Industrial (a outra parte é ocupada pela Santa Mônica Têxtil - Grupo Franco). Fundada em 18 de outubro de 1907 pelo Coronel Sabino José Ribeiro, a Fábrica Confiança foi a segunda do Setor Têxtil em Aracaju (a primeira foi a Fábrica Sergipe Industrial, criada em 15 de fevereiro de 1882). Marco da industrialização em Sergipe, sob o nome de Ribeiro Chaves & Cia., a fábrica Confiança deu ensejo a benefícios sociais aos operários e familiares como: casas (Vila Operária), assistência médica e creches, dando origem ainda à Associação Desportiva Confiança. Encerrou as atividades em 2009 (Diário oficial, 2013. p.1).

A ALMAVIVA **(Prancha 5, imagem 1)**, representa uma empresa de telemarketing, que foi construída em uma parte do terreno da antiga Fábrica Confiança. O local que corresponde à empresa foi descaracterizado, salvo uma coluna que está presente na fachada, a chaminé e a forma triangular do telhado **(Prancha 6)**.

Continuando o andamento do trabalho de prospecção, podem ser verificadas adaptações no local, como a abertura de novas portas de acesso **(Prancha 7)**. A adaptação de outra parte do local para a construção da Confeitaria do Império também modificou a estrutura original, mas elementos antigos ainda podem ser observados **(Prancha 8)**.

Elementos originais da fachada, voltada para o rio, foram evidenciados em fotos antigas no local **(Prancha 9)** nas quais podem ser vistos indícios de portas e janelas que hoje se encontram emparedadas, além da evidencia de três momentos construtivos.

Na lateral da edificação, hoje pertencente à Santa Mônica, destinada a fabricação de toalhas, encontra-se o local onde mais se preservou características construtivas originais, como o formato triangular, detalhes na parte superior do muro, colunas e as evidências de

portas e janelas que hoje se encontram emparedadas, porque perderam a funcionalidade para as atividades que são desenvolvidas atualmente (**Prancha 10 e 11**). Uma vez que a entrada não foi autorizada, não houve uma verificação da área interna, por este motivo foi recolhido o máximo de informações no entorno no local.

Durante esta etapa de campo, foi possível perceber que diferentes elementos presentes na arquitetura do prédio, remontam diferentes períodos, em que o mesmo passou por modificações em sua época de funcionamento. Na lateral pode ser evidenciado três diferentes momentos materializados, como mostra a (**Prancha 12**). O período exato em que essas modificações ocorreram não foi determinado, mas esses períodos ficaram registrados por meio da materialidade e estão marcados no próprio edifício.

A entrada da fábrica, voltada para a avenida João Rodrigues, está em grande parte descaracterizada. Nela é possível ver o movimento da fábrica Santa Mônica, local de entrada e saída de transportes e o estacionamento rotativo pertencente a ALMAVIVA onde ocorre a maior movimentação de pessoas (**Prancha 13, imagem 1 e 2**).

Alguns jornais da época remontam a fábrica e alguns de seus acontecimentos: o primeiro, diz respeito à pedra inaugural da fábrica Confiança; o segundo, faz menção ao apito da fábrica e o terceiro anuncia uma reunião entre acionistas (**Prancha 14**).

De acordo com a (**Prancha 13, imagem 3**) foi possível evidenciar os trilhos dos Bondes que cortavam toda a avenida João Ribeiro, conseqüentemente passavam em frente a Fábrica Confiança. Como demonstra Cabral:

“É no bairro Industrial que transita o Bonde dos namorados. Bairro de operários atrai, à noite, grande número de rapazes. O bonde dos namorados é precisamente o bonde das 22:00 horas, o bonde que vai para a cidade. Às 22:00 horas, lá no fim de linha, o condutor vira os bancos” (Cabral, 2001, pag.175 apud SANTOS, W., p. 33).

A chegada da ferrovia se deu no ano de 1914 (SANTOS, W., 2014), entretanto mesmo com este acontecimento, que poderia modificar a forma de transportar materiais para a fábrica, isso não ocorreu. De acordo com as fontes encontradas, pode ser dito que o principal meio de transporte de carga continuou sendo pelo meio aquático durante muito tempo, um desses indícios estaria representado em fotos datadas de 1950 (**Prancha 21, imagem 1 e 2**), em que ainda é visto o porto em funcionamento e com a fachada voltada para o rio, sendo representada como a entrada principal na época.

PRANCHA 4

PRANCHA 5

PRANCHA 6

PRANCHA 7

PRANCHA 8

PRANCHA 9

PRANCHA 10

PRANCHA 11

PRANCHA 12

PRANCHA 13

PRANCHA 14

CAPITULO IV- PROSPECÇÃO

4.1. Campo Confiança

Percorrendo o entorno do estádio proletário Confiança, verificou-se uma série de características materiais, que serão evidenciadas nesta pesquisa, em comparação com o prédio da fábrica, o campo também apresenta parte de sua estrutura original preservada, e algumas modificações também são evidentes. O percurso para a prospecção foi feito conforme a **(Prancha 15)**.

O primeiro local de observação foi feito na lateral, pela rua Batistinha onde podem ser verificadas várias características, a exemplo das colunas e portões, que em um olhar desatento tem a impressão de serem as características originais. Ao observar-se com um pouco mais de atenção, percebe-se que há diferentes materiais construtivos, como mostra a **(Prancha 16)** que indica que o muro teria sido aumentado, entretanto como isso explica as colunas em todo o entorno, que parecem ser as originais?

Observando um pouco mais, foi possível identificar características que indicam que tentou-se fazer uma reprodução das colunas, e esses indícios estariam presentes em vários elementos, sendo assim, essas modificações não ocasionaram a descaracterização aparente, ela foi causada por uma reforma, ou seja, parte do muro originalmente era menor, e foi feita uma mudança para aumentar o mesmo, tentando reconstruir e preservar a sua configuração original, de acordo com **(Prancha 17)**, que resultou nos indícios de diferentes matérias primas: a utilização de cimento portland, uma argamassa diferente da utilizada na época; blocos utilizados para empregar, que são diferentes dos tijolos, que estão presentes na arquitetura original. Em resumo, pode ser dito que em consequência do processo de degradação, foram identificados diferentes processos de modificação do local.

Foi evidenciado também indícios de diferentes materiais construtivos, na fachada, localizada na Avenida Antônio Assis Xavier, que antes seria possivelmente a entrada principal. Pôde ser identificada a localização da bilheteria do estádio, as envasaduras, tanto da entrada, como da janela foram isoladas **(Prancha 18)**.

PRANCHA 15

PRANCHA 16

PRANCHA 17

Detalhes desta mesma fachada fazem uma associação direta com a fábrica, por meio das engrenagens, este local estava atrelado também a um ponto de acesso ao gramado do campo, mas em consequências de mudanças na estrutura essa porta foi fechada, possivelmente para proteção do gramado e evitar a circulação de fácil acesso a ele.

Dando continuidade ao processo de observação foi verificada a lateral voltada para a rua Epaminondas Salmeron que possui algumas características que podem ser listadas, a exemplo de uma porta de entrada que, assim como a mostrada anteriormente, dá acesso direto ao gramado do campo, mas hoje não possui nenhuma funcionalidade, a não ser a representativa. Nesta porta pode ser verificado também os indícios do aumento do muro, uma vez que o portão é desproporcional à estrutura, além das modificações ocorridas nas colunas (**Prancha 19**).

Deste mesmo lado é onde está presente a entrada principal de acesso ao estádio, e o brasão que ficava exposto na fachada e representa o time, este porém foi pintado (**Prancha 20**).

4.2 Instalação Portuária

Em uma visão panorâmica da Fábrica na década de 1920, como mostra a (**Prancha 21, imagem 1e 2**), pode ser verificado um píer, em frente a fachada principal, pela sua localização estratégica e levando em consideração que neste período Aracaju tinha como principal meio de transporte o fluvial, é possível afirmar que esse era o local de escoamento da produção e desembarque da matéria-prima.

Os vestígios materiais desse atracadouro puderam ser identificados durante a pesquisa de campo, em que foram observadas estruturas de estacas de madeira, pertencentes à antiga Fábrica Confiança, como pode ser observado (**Prancha 21, imagem 3**).

Esse processo de transporte regido pelo meio aquático era um dos responsáveis pelo posicionamento da fachada principal, uma vez que a entrada era voltada para o rio Sergipe, local em que ocorria maior movimento devido a entrada e saída de materiais e onde possivelmente era feita a fiscalização da movimentação dos produtos que entravam e saíam do estabelecimento.

Com o avanço tecnológico e a mudança nos meios de transporte, não sendo o aquático o principal meio para a locomoção da carga, a fachada foi redirecionada para a

Avenida João Rodrigues, por apresentar um maior movimento de entrada e saída de materiais. Nesta rua encontram-se além da entrada e saída de funcionários da empresa Santa Monica a fachada da ALMAVIVA, que tem maior acesso ao local por meio da via principal, por onde circula uma maior quantidade de transportes públicos terrestres.

O entorno da fábrica passou por uma série de modificações desde o ano de sua fundação. A mais recente foi a construção da orlinha do Bairro Industrial, que foi inaugurada no ano de 2013. Este trabalho de urbanização foi o responsável pelo aterro do local de trajeto píer/Fábrica, entretanto o antigo Píer do Confiança continua sendo um meio de estudos em potencial, uma vez que de toda a localidade, este foi o que menos sofreu intervenções severas. Diante disto é irreal afirmar que pouco pode ser extraído de informações, em trabalhos mais aprofundados. Possivelmente a ponte foi construída no mesmo ano da fábrica(ou até antes) por uma questão de necessidade de movimentação de matéria prima e produtos necessários para manutenção e funcionamento.

Durante certo período, todo o escoamento de materiais era feito por meio aquático, então, pode ser dito, que muitos dos materiais e vestígios dessa carga e descarga estariam preservados nesse meio, tornando-o assim um local para estudos a fim de entender os processos de produção da fábrica e seus fornecedores.

PRACHA 18

PRANCHA 19

PRANCHA 20

PRANCHA 21

4.3 A Vila e vida Operária

Neste tópico haverá uma busca por esclarecer como ocorria o controle dentro da fábrica, a gestão patronal sobre os operários e como isso se expandia para o cotidiano dos mesmos, não se resumindo apenas no interior fabril, e como a busca por disciplinar o trabalhador se dava por meio do lazer e moradia.

A Fábrica Confiança era uma das mais importantes do estado de Sergipe, e seus produtos estavam muito presentes na exportação, além de empregar um grande número de pessoas. Observava-se que as condições de trabalho não eram favoráveis, uma vez que possuía teto alto e grandes galpões, mas as janelas não eram suficientes para atender as condições mínimas de salubridade, a jornada de trabalho era de 12 horas e durante esse período a poeira que saía do algodão grudava nos corpos suados dos operários, uma consequência que era agravada pela ventilação insuficiente, que somada ao calor, acrescido ao barulho das máquinas, causava tanto exaustão como estresse (SANTOS, W., 2014).

Dona Geilsa dos Santos Santana, de 65 anos, uma das moradoras do bairro, que morou durante vinte e um anos em um das casas da vila, relata que juntamente com seu marido na fábrica, mas a renda sempre foi insuficiente para a subsistência de sua família. Após um tempo ela foi demitida e somente o marido trabalhava, enquanto ela e os filhos, em dias de jogos, vendiam comida no estádio Confiança, para complementar a renda. Ela completa ainda que a maior lembrança que tinha da fábrica era o apito que assobiava de uma em uma hora e que regia a sua vida, além de lembrar-se da saída dos funcionários sempre suados e sujos de algodão. Finaliza comentando que o barulho da tecelagem causou problemas auditivos no marido, acarretando perda auditiva total em um dos ouvidos (Geilsa, 2016).

Fontes também descreve esta saída: “Pela manhã, homens sujos de pó, chegavam junto às caldeiras da Têxtil, empurrando vagonetes de lenha. Lavados de suor, os foguistas não descansavam, jogando grandes toros em meio às labaredas. Todas as máquinas da Fábrica se moviam, num barulho ensurdecido” (FONTES, 1999, p.96 apud ALMEIDA, 2014, p.31).

Os riscos presentes em um trabalho industrial são vários. Leonardi (1991) relata sobre os riscos de um trabalho dentro de uma indústria têxtil, a exemplo das lançadeiras⁵ que eram responsáveis por um grande número de mutilação em indústrias desse tipo.

Esta peça, então era uma constante ameaça para os tecelões, pois de quando em quando, escapavam do tear e iam projetar-se, com incrível velocidade, para os lados. Como possuía uma ponta de ferro bastante aguda, em forma de pião, constituía realmente num perigo. Olhos vazados, dedos e braços amputados eram resultados comuns da ferocidade das lançadeiras (LEONARDI, 1991, p. 138 apud ALMEIDA, 2014, p. 31).

Fontes (1999) fala desses sérios riscos industriais e acidentes que muitos operários sofreram, de acordo com fragmento de um de seus livros:

A larga correria de uma transmissão, que fazia funcionar todo um grupo de teares, alcançara um rapazinho de quinze anos pelo braço, atraía-o para a roda, suspendera-o no ar, e arremessara-o violentamente sobre a parede que a pequena distância se encontrava. Quando o corpo veio dar no chão, estava já sem vida, o crânio extensamente fraturado (FONTES, 1999, p. 97 apud ALMEIDA, 2014, p.31).

Eram concedidas as residências operárias, como uma forma de disciplinar os trabalhadores, para que os mesmos não contestassem vários tipos de explorações sofridas, porque ganhavam benefícios, mesmo sendo sua exploração maior que os benefícios prestados.

O Sr. Pedro Jonathan de Santana, 59 anos, fala que a fábrica não concedia muitos benefícios, o salário era baixo e variava de acordo com a produção. Referente às casas da vila, eram concedidas àqueles trabalhadores que tinham cargos que podiam ser requisitados de forma imediata, como mestres e contra mestres (PEDRO, 2016).

A construção de uma vila operária tinha também como um de seus objetivos manter os operários próximos, assim havia um maior controle e podia observar seus hábitos mais de perto. Mesmo estando cientes desses objetivos por parte de seus contratantes, eles tinham que se sujeitar a isso, uma vez que comprar um terreno ou pagar aluguel não estava dentro de sua realidade financeira (SANTOS, 2014).

A Fábrica Têxtil Confiança também realizou a construção de uma vila operária, segundo Wagner Santos era uma rua de modernos “bangalaws”, com casas de médio tamanho, com varandas e tinha iluminação. No entanto para residir em umas dessas habitações deveriam ser seguidas algumas regras, como o beneficiamento de famílias com mais de três membros. Além disso, algumas casas eram destinadas para os operários que não eram especializados (marceneiros e financeiros) (MELISN, 2007, p. 102 apud ALMEIDA, 2014, p. 29).

⁵Instrumento, que contém um pequeno cilindro ou canela, em que se enleia o fio que os tecelões e tecedeiras fazem passar pelos fios do urdume.

Com as modificações urbanas e desenvolvimento da região, as casas construídas para a moradia dos operários não resistiram ao tempo, com a exceção de três que ainda apresentam um pouco de sua configuração original, como o formato das portas e janelas, mas o registro desses elementos foi dificultado por conta do aumento dos muros frontais, apenas uma, preservava muito da configuração original e estava visível para a observação das características da fachada até o início de 2016, mas atualmente já sofreu mudanças em sua estrutura, pois está sendo adaptada para um ponto comercial (**Prancha 22, imagem 3**), mas somente duas apresentam o formato original do telhado, sendo que uma delas, devido ao muro alto, dificultou o registro fotográfico, como mostra a (**Prancha 23, imagem 2**) todas estão localizadas em frente a antiga Fábrica Confiança, na rua João Rodrigues.

De acordo com dados obtidos nas entrevistas, foi dito que as vilas operárias se estendiam também na rua Sabino Ribeiro, avenida Confiança e avenida General Calazans, os vestígios materiais dessas casas não foram identificados na pesquisa de campo, segundo os entrevistados as casas mostradas na ultima prancha representam as únicas com melhores condições de moradias, destinadas a mestre e contra- mestres, mas a maioria dos operários moravam em casas de palha e madeira.

PRACHA 22

PRACHA 23

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão abordou a fábrica Confiança em um olhar arqueológico, mostrando as etapas de realização da pesquisa e conceitos fundamentais para compreender os resultados obtidos.

A princípio foi feito uma busca em referenciais históricas que pudessem auxiliar o processo de desenvolvimento e obter uma base de dados, que complementaram muitas informações e lacunas existentes, essas informações tiveram como foco conceituar alguns pontos como: Indústria, capitalismo, arqueologia, arqueologia industrial e obter registros sobre o processo de desenvolvimento da arqueologia industrial no Brasil, após esse breve apanhado foi feito uma apresentação do processo de desenvolvimento do bairro industrial (local de implantação da Fábrica Confiança) posteriormente feita uma pesquisa de campo, tendo como foco principal a cultura material e as informações que a mesma podia transmitir para entender as modificações e questões relacionadas a fábrica.

Diante do que foi apresentado, pode-se afirmar que a fábrica foi um importante marco no processo de desenvolvimento local e seu estabelecimento mudou o cotidiano populacional e estabeleceu relações sociais que puderam ser evidenciadas por meio da materialidade, sendo importante mencionar o atracadouro da fábrica Confiança que durante seu período útil era o local onde a mercadoria entrava e saía, sendo um ponto que interligava diferentes locais com fins comerciais, uma vez que durante um longo período o transporte de mercadoria era feito por vias marítimas.

Apesar das modificações ocasionadas pelo processo de desenvolvimento urbano, muito de sua história ainda está materializada e foi uma ferramenta fundamental no desenvolvimento da pesquisa.

A análise da cultura material presente na edificação e seu entorno tornou possível a interpretação das modificações ocorridas no estabelecimento fabril, essas mudanças estão presentes por meio de elementos arquitetônicos e construtivos, em consequência da reapropriação e até mesmo mudança no próprio período de funcionamento que estão relacionadas a modificação na forma de produção e de transporte de mercadoria.

A vila operária estava estabelecida atrás da fachada principal na época, avenida João Rodrigues, a sua localização e proximidade do local de trabalho mostra a subordinação que o empregado sofria, tanto dentro como fora da fábrica, sendo que estava em um ponto

estratégico para facilitar a observação do cotidiano fora do ambiente de trabalho e hábitos dos funcionários, além de evitar atrasos e deixar a vida mais voltada a fábrica que qualquer outra atividade que pudesse ser desenvolvida. Apenas duas casas ainda possuem características originais, que foram evidenciadas nas etapas de campo.

O Campo Confiança também foi um dos elementos abordados, em que a sua criação mesmo trazendo momentos de lazer para os operários, teve como intuito principal disciplinar e divulgar o nome da fábrica, tornando- a mais conhecida através da prática esportiva.

Durante a prospecção foi verificado que o campo passou por uma reforma, onde tentou conservar características arquitetônicas originais, e essa tentativa pode ser verificada claramente em alguns indícios materiais presentes no muro do estádio. As suas características construtivas fazem menção direta a fábrica, por meio de engrenagens, mesmo sendo reconhecido hoje como Campo Confiança, o nome original era estádio Proletário Confiança, em que além de seus elementos arquitetônicos estarem ligados a fábrica, o nome remete ao trabalhador pobre que sobrevive com uma remuneração insuficiente advinda de sua força de trabalho, sendo a classe social mais baixa.

Com a mudança no transporte, que passou de meio aquático para terrestre, houve o redirecionamento da fachada da fábrica, do rio para a avenida, essa mudança esta clara com as portas e janelas no sentido do rio, que foram emparedadas e hoje o maior fluxo e movimentação de pessoas está voltada para a Avenida João Ribeiro.

Por meio disto pode ser dito que o estudo da materialidade que remete aos processos industriais pode ser capaz de mostrar grandes informações sobre atividades econômicas, sociais, identificação de classes hierárquicas, entre vários outros aspectos que remetem ao homem e suas atividades, informações essas que ainda não foram registradas e que estão demonstradas por meio da cultura material.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALMEIDA, Camila Luzia Silva. **Da Residência a Delegacia: Cotidiano e Mulheres Pobres em Aracaju (1910)**. CECH- Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2014.

BECKOUCHE, Pierre. **Indústria um só mundo**. São Paulo: Ática, 1995.

CABRAL, Mario Araujo. **Roteiro de Aracaju**. 3. ed. Aracaju: Banese, 2001.

CALAZANS, Regina C. Meira. **Arqueologia, gênero e memória do trabalho**: as operárias têxteis da fábrica da Sergipe Industrial, Aracaju, séculos XIX-XX. Monografia apresentada ao Núcleo de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2013.

DECCA, Edgar Salvadori. **O Nascimento das Fábricas**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984 .

ENCARNAÇÃO, José Manuel dos Santos. **A Arqueologia na modificação da paisagem**, Biblos, 65.ed. Universidade de Coimbra, 1989.

FELIZARDO, Jean Mari. **Capitalismo, organização do trabalho e tecnologia da produção e seus impactos na qualificação da força de trabalho**. Revista Labor, nº 3, vol. 1, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. Contexto, São Paulo, 2003.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1994.

KORMIKIARI, Maria Cristina N. **Arqueologia da Paisagem**. São Paulo: LABECA/MAE/USP, 2014.

KUHL, Beatriz Mugayar. **Problemas Teórico- Metodológicos de Preservação do Patrimônio Industrial**. FAU- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maranhão, 2010.

LEITE, Márcia de Paula. **O futuro do trabalho: novas tecnologias e subjetividade operária**. São Paulo, 1994.

MARX, Karl.: crítica da economia política. 7. **O capital** ed., v. 1. São Paulo: DIFEL, 1982.

MORAIS, José Luiz. **Arqueologia da paisagem como instrumento de gestão no licenciamento ambiental de atividades portuárias**. 3. ed. n. 4, p. 97-115, out.-dez./2007.

NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. **Preservação do patrimônio arqueológico- Reflexões através do registro e transferência da informação**. Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008

PORTO, Fernando de Figueiredo. **A Cidade de Aracaju 1855\1865: Ensaio de Evolução Urbana**. 2. ed. Secretaria do Estado da Educação e Cultura, Coleção João Ribeiro, 1991.

PRADO, Eliane Mimesse. **A importância das fontes documentais para a pesquisa em História da Educação**. 16. ed. p. 124-133. Intermeio (UFMS), 2010.

PROUS, André. **O Brasil Antes dos Brasileiros: A pré História do nosso país**. 2º edição, Rio de Janeiro, 2006.

RAMOS, Paulo Oliveiras. **Arqueologia Industrial**. nº 14, Revista Dirigir, p. 24- 27. Lisboa, 1990.

ROSA, Carolina Lucena. **O Patrimônia Industrial: A construção de uma nova tipologia do patrimônio**. Anais de XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH, São Paulo, Julho, 2011.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas. **Da Fábrica ao Campo de Futebol, Vender Tecido e Vender Espetáculo**: Tecendo os Fios de uma História de um “Casamento Feliz”. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. **Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado**. Revista USP, São Paulo, n. 44, p. 10-31, dez./fev. 1999-2000.

SANTOS, Ana Flávia Souza. **Potencialidades da arqueologia industrial em Sergipe**: Estudo da Fábrica de tecido Sergipe industrial, 2014.

SANTOS, Wagner Emmanoel Menezes. **O paraíso termina quando o trabalho começa**: Cotidiano Operário e Poder Disciplinar na Fábrica Têxtil Confiança (Sergipe, 1943-1957). Dissertação de mestrado (História) apresentada a Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2014.

SINGER, Paul . **Formação da classe operária**. 3. ed. São Paulo: Atual, 1986.

SILVA, Ronaldo André Rodrigues da. **Paisagem Cultural Industrial: Memórias de um patrimônio da Contemporaneidade**. Revista Labor e Engenho, Campinas, v.5, n.1, 2011.

SOBRINHO, SEBRÃO. **Laudas da História de Aracaju**. Prefeitura Municipal de Aracaju, 2. ed, 2005.

SOUZA, MUNIZ. **Os Fatores Determinantes da Localização das Indústrias Goianas**. Revista CEPPG – CESUC(Centro de ensino superior decatalão), nº 23, 2010.

ZEQUINI, Ancileide. **Arqueologia de uma Fábrica de Ferro: Morro do Araçoiaba, Século XVI e XVIII**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2006.

JORNAIS DIGITALIZADOS

Correios de Aracaju, 01 e novembro de 1906. Redatado por João Menezes.

Diário de Sergipe, 23 de março 1945, p.03. Reportagem de Ferreira Rocha.

Diário Oficial, estado de Sergipe. 8 Aracaju/Sergipe sexta-feira, 03 de maio de 2013

Folha de Sergipe, 2 de Agosto de 1908. Aracaju- Sergipe. Fonte: Biblioteca Nacional Digital- BND.

Folha de Sergipe, 12 de Novembro de 1908. Aracaju- Sergipe. Fonte: Biblioteca Nacional Digital- BND.

O Espião, 7 de Março de 1909. Aracaju- Sergipe. Fonte: Biblioteca Nacional Digital- BND.

SITES CONSULTADOS

Aracaju Bondes Elétricos. Disponível em <<http://www.tramz.com/br/ac/acm.html>> Acesso em 10 de Dezembro 2015.

Aracajuantigga: O bairro Industrial. 2009. Disponível em ><http://aracajuantigga.blogspot.com.br/2009/09/o-bairro-industrial.html>>, Acesso em 14 de dezembro de 2015.

BARBOZA, José Claudio. **História de Aracaju, enfoque do Bairro Industrial “A fábrica Sergipe Industrial”**. 2012. Disponível em:<<http://claudiohistoriagloria.blogspot.com.br/>> Acesso em 15 de maio 2016.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Capitalismo dos técnicos e democracia**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 20. nº 59. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000300009> Acesso em 20 de maio 2016.

COSTA, M. Diogo. Algumas Abordagens Teóricas na Arqueologia Histórica Brasileira. Ciência e Cultura. v.65, nº 2, São Paulo, 2013. Disponível

em:<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252013000200012&script=sci_arttext>Acesso em: 11 de Junho 2016.

Infonet. História do Confiança. 2012.

Disponível em:<<http://www.infonet.com.br/esporte/ler.asp?id=85139&titulo=confianca>,

Acesso em> 17 de novembro de 2015.

Governador Recebe Visita do Empresário Ricardo Leite Franco. Agencia Sergipe Notícias.

Disponível em:<<http://www.agencia.se.gov.br/noticias/governo/governador-recebe-visita-do-empresario-ricardo-leite-franco>> Acesso em 07 de Dezembro 2015.

SILVA, Ronaldo André Rodrigues da.**Arqueologia Industrial e Patrimônio Industrial:**

“Novo” enfoque a memória cultural. Fórum, vº 2, nº 2.2009 Disponível

em:<<http://www.forumpatrimonio.com.br/print.php?articleID=145&modo=1>> acesso em 08 de maio de 2016.

The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH).**Carta de NizhnyTagil sobre o Patrimônio Industrial**, Julho 2003.Disponível em:

<<http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>> Acesso em 07 de Novembro 2015.

FONTES ORAIS

ALMEIDA, Ivânia Ribeiro. Entrevistada Nº 1. Bairro Industrial, Av. João Rodrigues, Aracaju- SE. Entrevistador (es): ANDRADE, Klisleide Maria & OLIVEIRA, Bruno Fellipe Rodrigues. Suporte transição.

FONSECA, Genivaldo da Silva. Entrevistado Nº 5. Bairro Industrial, Av. João Rodrigues, Aracaju- SE. Entrevistador (es): ANDRADE, Klisleide Maria & OLIVEIRA, Bruno Fellipe Rodrigues. Suporte transição.

FRANÇA, Iolanda Ferreira. Entrevistado Nº 6. Bairro Industrial, Rua. Batistinha, Aracaju-SE. Entrevistador (es): ANDRADE, Klisleide Maria & OLIVEIRA, Bruno Felliipe Rodrigues. Suporte transição.

MENEZES, Eraldo. Entrevistado Nº 2. Bairro Industrial, Av. João Rodrigues, Aracaju- SE. Entrevistador (es): ANDRADE, Klisleide Maria & OLIVEIRA, Bruno Felliipe Rodrigues. Suporte transição.

MATOS, Rosalvo Carvalho. Entrevistado Nº 4. Bairro Industrial, Rua. Christiano Santana Corrêa, Aracaju- SE. Entrevistador (es): ANDRADE, Klisleide Maria & OLIVEIRA, Bruno Felliipe Rodrigues. Suporte transição.

SANTANA, Pedro Jonatan. Entrevistado Nº 3. Bairro Industrial, Av. João Rodrigues, Aracaju- SE. Entrevistador (es): ANDRADE, Klisleide Maria & OLIVEIRA, Bruno Felliipe Rodrigues. Suporte transição.

SANTANA, Edilson Jonatan. Entrevistado Nº 7. Bairro Industrial, Rua. Batistinha, Aracaju-SE. Entrevistador (es): ANDRADE, Klisleide Maria & OLIVEIRA, Bruno Felliipe Rodrigues. Suporte transição.

SANTANA, Geilsa dos Santos. Entrevistado Nº 8. Bairro Industrial, , Rua. Christiano Santana Corrêa, Aracaju- SE. Entrevistador (es): ANDRADE, Klisleide Maria & OLIVEIRA, Bruno Felliipe Rodrigues. Suporte transição.

APÊNDICE A- FORMULÁRIO DE ENTREVISTA E ENTREVISTADOS

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome:

Endereço:

Gênero: F () M ()

Profissão:

Há quanto tempo mora no Bairro:

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S () N (). Ficam ou ficavam aonde?

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Confiança - Aracaju- SE

Conhece alguém que já trabalhou na Fábrica Confiança?

Quando fala sobre a Fábrica, qual a sua primeira lembrança?

Qual a sua opinião a respeito do Campo Confiança?

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a modificação da Fábrica Confiança

Qual a sua opinião a respeito da descaracterização do prédio?

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: *Geleza dos Santos Santana, 65 Anos*
 Endereço: *Rua Cristiano Santana Carreira, nº 80, Bairro Industrial*
 Aracaju-SE
 Gênero: F (X) M ()
 Profissão: *Dona de casa*
 Há quanto tempo mora no Bairro: *35 anos*

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (X) N (). Ficam ou ficavam aonde? *Na avenida em frente a fábrica, todos os casas eram da fábrica. Também um pouco da Ponte.*

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Confiança - Aracaju- SE

Conhece alguém que já trabalhou na Fábrica Confiança?

Sim, eu e meus maridos

Quando fala sobre a Fábrica, qual a sua primeira lembrança?

Deu muitos trabalhos para os moradores, a maioria das pessoas que moram no bairro Industrial já trabalharam lá

Qual a sua opinião a respeito do Campo Confiança?

Éo bom, meus filhos e eu vendíamos roleta de carne e usamos para ajudar na nossa sobrevivência, porque o salário era pouco

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a modificação da Fábrica Confiança

Qual a sua opinião a respeito da descaracterização do prédio?

Foi ruim que muito coisa fosse diferente, mas foi bom porque a ALMAVIVA trouxe muito emprego também.

Tive um tempo que a fábrica não funcionava e era muito triste passar pelo prédio ver aquele prédio abandonado.

Eu morei 25 anos em uma das casas da vila, meu marido também trabalhou lá, depois de um tempo eu fui demitida e só o meu marido que ficou, o movimento era igual como é hoje no ALMAVIVA, tinha gente entrando e saindo qualquer horário do dia, com os homens suados e suados. O trabalho no bealagem era muito grande, o trabalho meu marido e eu de um curral. Acho que todo mundo lembra também do aperto que ficava de 1 em 1 hora, era bom porque a gente não tinha relógio.

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: *Pedro Santana de Santana, 59 anos*Endereço: *Av. Joã Rodrigues, nº 473, bairro Industrial, Aracaju-SE*

Gênero: F () M (X)

Profissão: *aposentado*Há quanto tempo mora no Bairro: *35 anos*

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (X) N (). Ficam ou ficavam aonde? *tudo trecho em frente o fábrica, o velho complexo, no rua Sobrinho Ribeiro*

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Confiança - Aracaju- SE

Conhece alguém que já trabalhou na Fábrica Confiança?

meu pai, meu irmão

Quando fala sobre a Fábrica, qual a sua primeira lembrança?

Not tinha muito benefício, o pagamento era por produção e a moradia era por quantidade de carga que precisasse ser de forma imediato, o caso de morte e contra-morte.

Qual a sua opinião a respeito do Campo Confiança?

Foi criado pelo dono que foi destruído mesmo para montar um time para participar de competições, no início era formado mais por funcionários da fábrica, um time um pouco amador.

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a modificação da Fábrica Confiança

Qual a sua opinião a respeito da descaracterização do prédio?

A mudança aconteceu mais pelo falência do fábrica, foram 100 anos de funcionamento, levou o fábrica o leilão, dando lugar o fábrica Santa Mônica, que não tem nenhum vínculo com a Confiança.

A ALMAVIVA alugou uma parte do prédio e não ficou essa parte parada, mas a modificação por parte da ALMAVIVA e por conta mesmo do crescimento da tecnologia e foi bom o crescimento trazido pela ALMAVIVA.

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: Irôma Ribeiro Almeida, 50 anos

Endereço: Avenida São R

Gênero: F (x) M ()

Profissão: Ceramista

Há quanto tempo mora no Bairro: 1 ano de pequena

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (x) N (). Ficam ou ficavam aonde? Avenida Confiança, Avenida Sóbria Ribeiro, General Calazans.

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Confiança - Aracaju- SE

Conhece alguém que já trabalhou na Fábrica Confiança?

Meu tio e minha filha

Quando fala sobre a Fábrica, qual a sua primeira lembrança?

A gerência não era muito boa

Qual a sua opinião a respeito do Campo Confiança?

Não gosto muito de jogar, então não sei muito do campo

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a modificação da Fábrica Confiança

Qual a sua opinião a respeito da descaracterização do prédio?

Com a mudança do dono, também vem as mudanças, foi uma mudança que não mediquei muito, benesseu dando empregos na fábrica Santa Mônica e também com outros empregos na ALMAYIA.

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: *Salvador Correia de Franco, 72 anos*
 Endereço: *Rua Botastinho, nº 270, bairro Industrial, Aracaju-SE*
 Gênero: F (x) M ()
 Profissão: *passantista*
 Há quanto tempo mora no Bairro: *desde pequena*

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (x) N (). Ficam ou ficavam aonde? *Do Fronte o do breco*

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Confiança - Aracaju- SE

Conhece alguém que já trabalhou na Fábrica Confiança?

Sim, seu Edson, Guelso, Jairo e pedreiros

Quando fala sobre a Fábrica, qual a sua primeira lembrança?

O aperto, às 5:00, 6:00, 7:00, era o relógio do bairro, que no tempo ninguém tinha relógio. O enterro e sai do do breco.

Qual a sua opinião a respeito do Campo Confiança?

O campo era o campo de futebol, lanchas e de futebol que tinham em frente o campo, a estrutura por fora sendo esta bem conservada.

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a modificação da Fábrica Confiança

Qual a sua opinião a respeito da descaracterização do prédio?

A mudança deixou muito gente triste, por mudar um pouco da história do do breco, mas ao mesmo tempo bem por ter dado uma valorização no prédio após chegar a ALMAVIVA e movimentar um pouco a redondeza.

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: Edilson Jonothan de Santana, 73 anos

Endereço: Rua Christiane Santana Correia, n.º 80, Bairro Industrial Aracaju-SE

Gênero: F () M (X)

Profissão: Aparentado

Há quanto tempo mora no Bairro: 50 anos

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (X) N (). Ficam ou ficavam aonde? Eu morava na vila, na avenida José Rodrigues, ficavam de frente a fábrica, tinha casas de pessoas também onde hoje tem a ponte.

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Confiança - Aracaju- SE

Conhece alguém que já trabalhou na Fábrica Confiança? Sim, eu trabalhei lá e minha esposa também, e meus irmãos

Quando fala sobre a Fábrica, qual a sua primeira lembrança? Eu trabalhava na manutenção e me lembro das máquinas que com-
entava, depois que o dono da fábrica morreu, ficou para os dois filhos
e a fábrica acabou falindo

Qual a sua opinião a respeito do Campo Confiança? O tempo era bom, administrado pelo dono da fábrica, e depois que ele morreu ficou tudo para a família.

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a modificação da Fábrica Confiança

Qual a sua opinião a respeito da descaracterização do prédio?

Acho que foi bom, porque ela foi desapropriada, foi vendida para a família Franco, e a ALMAVIVA alugou uma parte e a Santo Mônica, da família Franco.

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: Ruseleiro Carvalho Moraes, 83 anos

Endereço: Rua Christian Gontijo Carreira, nº 29, Bairro Industrial, Aracaju-SE

Gênero: F () M (X)

Profissão: Parentado

Há quanto tempo mora no Bairro: 60 anos

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (X) N (). Ficam ou ficavam aonde?

Na Av José Rodrigues

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Confiança - Aracaju- SE

Conhece alguém que já trabalhou na Fábrica Confiança?

No família não tem ninguém, mas alguns amigos trabalharam na fábrica.

Quando fala sobre a Fábrica, qual a sua primeira lembrança?

Da movimentação das pessoas entrando e saindo e tinha muitos que moravam na vila.

Qual a sua opinião a respeito do Campo Confiança?

É bom, foi construído para os trabalhadores da fábrica

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a modificação da Fábrica Confiança

Qual a sua opinião a respeito da descaracterização do prédio?

Tem muito modificação do prédio, como das casas da vila, foi uma mudança boa, dando oportunidade para o comércio.

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: *Generaldo da Silva Fonseca,*

Endereço:

Gênero: F () M (X)

Profissão: *Motorista*Há quanto tempo mora no Bairro: *Mora desde pequeno*

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (X) N (). Ficam ou ficavam aonde?

Em frente a fábrica

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Confiança - Aracaju- SE

Conhece alguém que já trabalhou na Fábrica Confiança?

Sim, meu cunhado e minha cunhada

Quando fala sobre a Fábrica, qual a sua primeira lembrança?

Lembro mais da época da fábrica fechando, onde muita gente ficou desempregado e teve muito tristeza

Qual a sua opinião a respeito do Campo Confiança?

Eu não sei muito, mas era uma ligação muito forte entre os trabalhadores da fábrica e o nome da Confiança

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a modificação da Fábrica Confiança

Qual a sua opinião a respeito da descaracterização do prédio?

Não mudou muito, quando a Santa Mônica entrou já tinha uma boa estrutura, melhorou muito foi a pintura por conta da queima de material e com a Santa Mônica não tem mais a pintura, mas muito pó de dentro da terra.

Formulário de Entrevista

Parte I: Identificação

Nome: *Everaldo Nenezes*Endereço: *Av. José Rodrigues, bairro Industrial, Aracaju-SE*

Gênero: F () M (X)

Profissão: *Apresentador*Há quanto tempo mora no Bairro: *desde pequeno*

Parte II: Conhecimento Sobre o Bairro Industrial- Aracaju- SE

Conhece ou conheceu antigas casas das vilas operárias? S (X) N (). Ficam ou ficavam aonde? *tinha várias vilas, em frente o cinema ficava seguranças e em frente a fábrica ficava os mestres e contra mestres*

Parte III: Conhecimento Sobre a Fábrica Confiança - Aracaju- SE

Conhece alguém que já trabalhou na Fábrica Confiança?

Muitas pessoas do família

Quando fala sobre a Fábrica, qual a sua primeira lembrança?

trabalhava muito no conceito de risco, trabalho e envolvimento de todos

Qual a sua opinião a respeito do Campo Confiança?

Dr. Joaquin Guindesi, era muito bom, teve o inauguração do campo

Parte IV: Opinião dos Moradores Sobre a modificação da Fábrica Confiança

Qual a sua opinião a respeito da descaracterização do prédio?

teve melhorias, no início tinham casas de palha feias, mas hoje tá mais bonito, era parecido mais com uma cidade de interior

PRANCHA 1- MASSARANDUBA

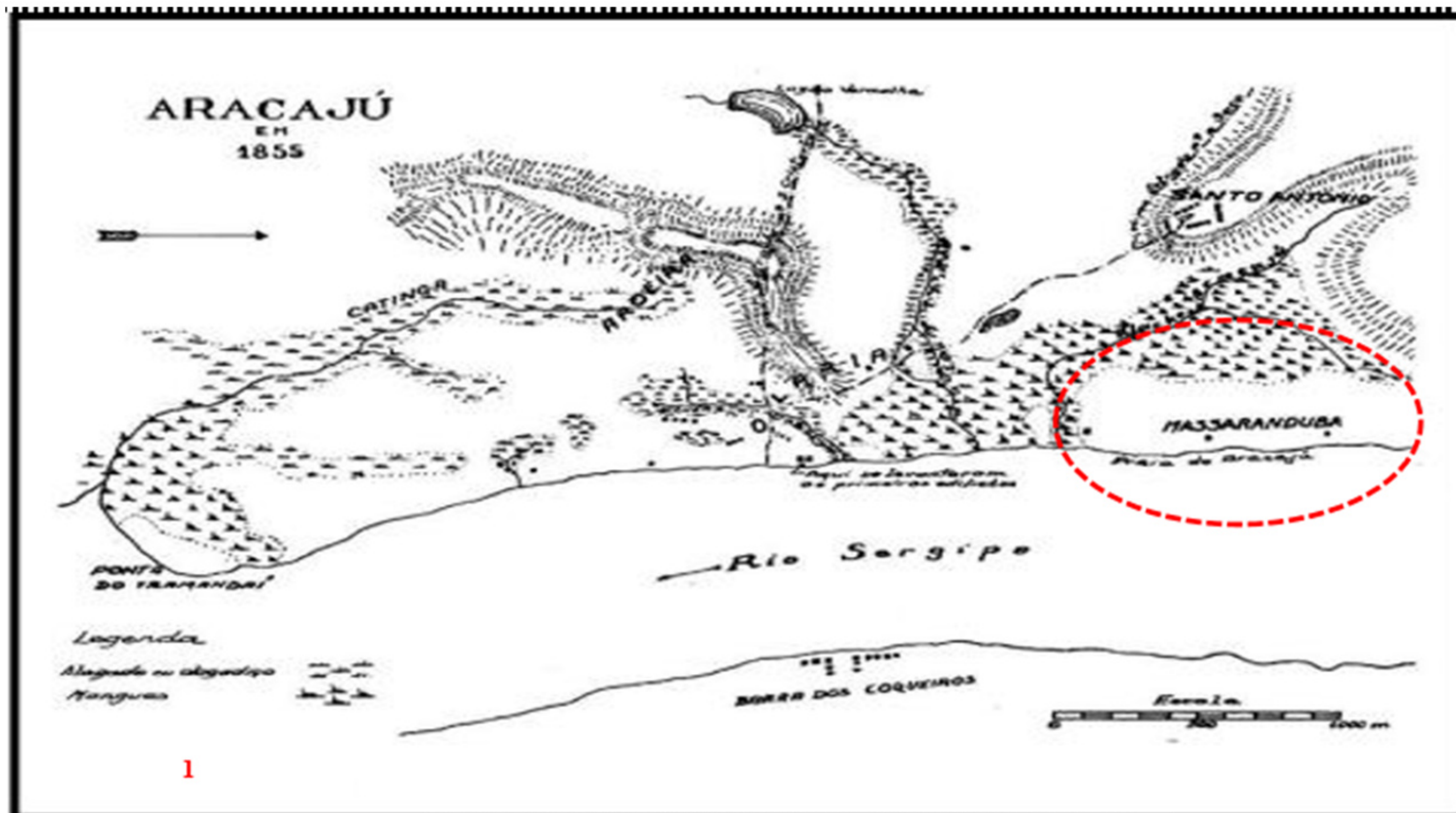


Imagem 1: PORTO, 1991.

PRANCHA 2- ENGENHO VELHO



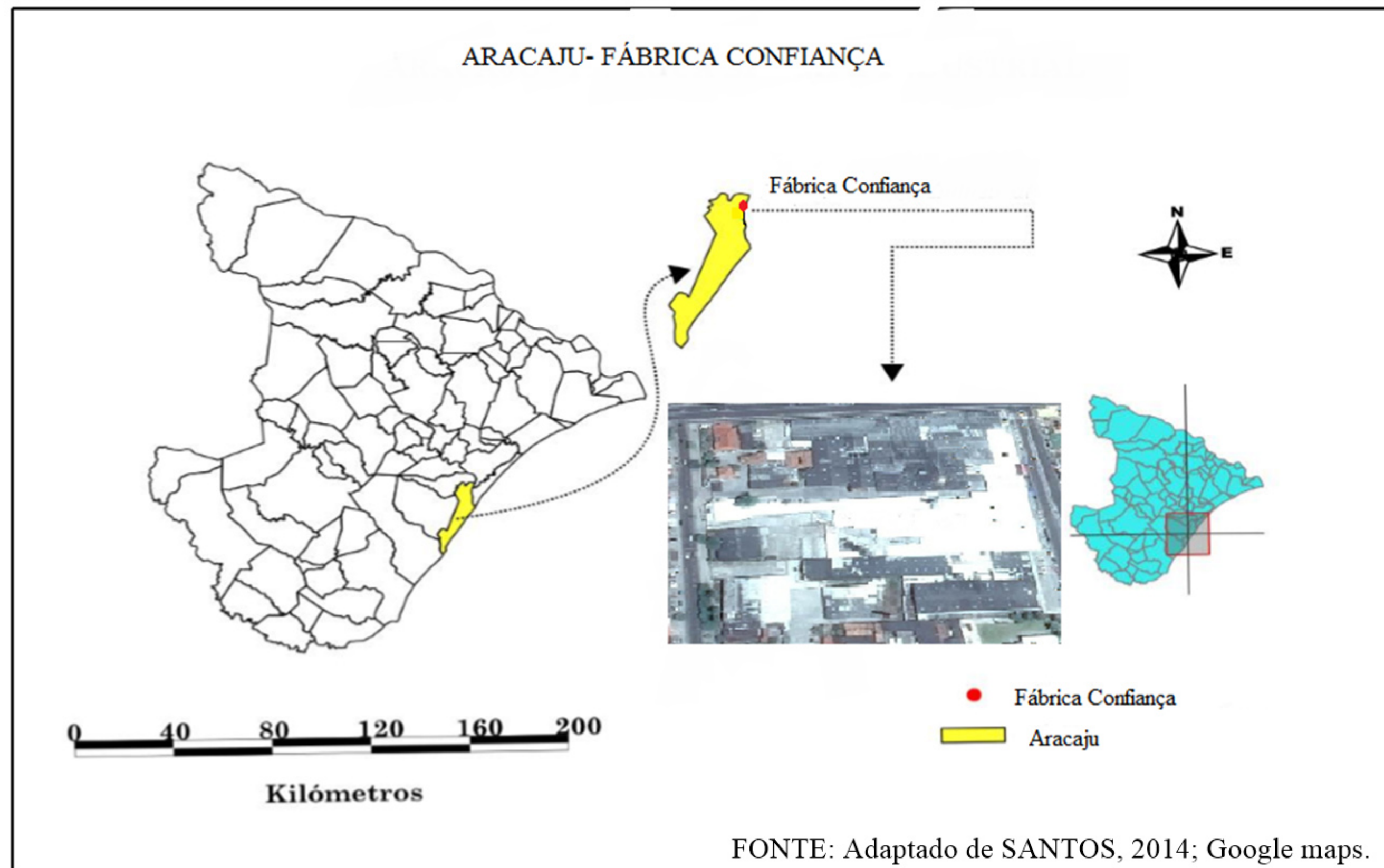
2 Francisco Felis Liborio vende o seu sítio, no **engenho velho**, junto ao povoado de S. Antonio do Aracaju, casa de morar de taipa e telha, com bons commodos para familia, com arvoredos fructiferos constando de laranjeiras mangueiras, figueiros etc.

Quem o pretender dirija-se ao annunciante no povoado de S. Antonio.

Aracaju 14 de Julho de 1874.

FONTE: Imagem 1: Biblioteca Nacional Digital apud SANTOS, 2014.
Imagem 2: BND, Jornal de Aracaju, 1984 apud SANTOS, 2014.

PRANCHA 3- LOCALIZAÇÃO DA FÁBRICA CONFIANÇA



PRANCHA 4- ÁREA DE PROSPECÇÃO SISTEMÁTICA DA FÁBRICA



FONTE: Adaptado de Google Maps.

PRANCHA 5- FACHADA VOLTADA PARA O RIO



FONTE: Imagem 1, 2 e 3: Autor.

PRANCHA 6- CARACTERISTICAS PRESERVADAS EM PARTE DA ESTRUTURA



FONTE: Imagem 1: Disponível em: < <http://aracajuantigga.blogspot.com.br/2009/09/o-bairro-industrial.html> >, Imagem 2 e 3: Autor.

PRANCHA 7- INDÍCIOS DA REAPROPRIAÇÃO



FONTE: Imagem 2 e 3: Autor.

Prancha 8: Características Antigas Preservadas, Fachada Voltada para o Rio Sergipe



Prancha 9: Características Originais da Fábrica, Voltada para o Rio Sergipe



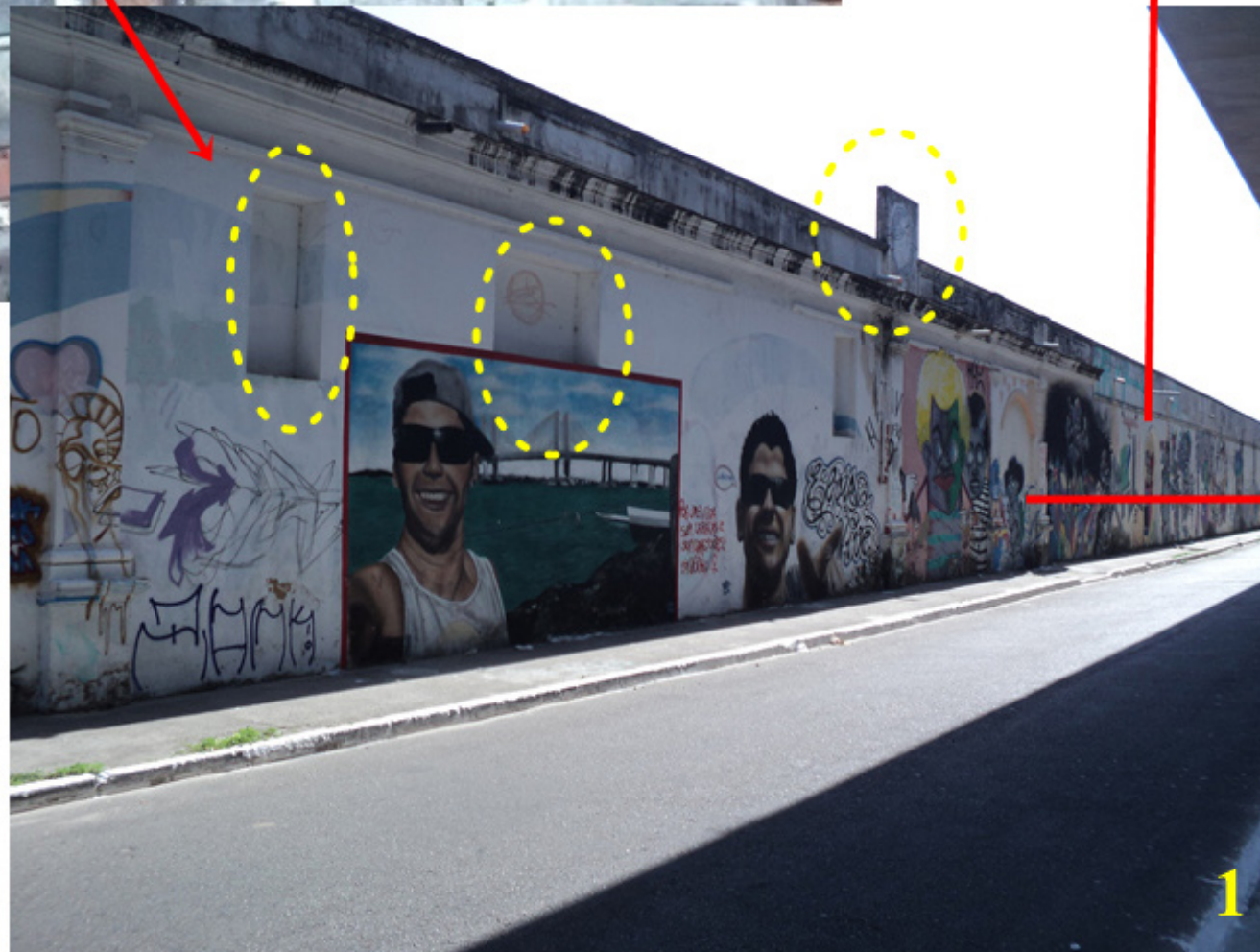
FONTE: Google Maps.

Prancha 10: Características Antigas, Preservadas na Lateral da Fábrica



Fonte: Imagem 1 e 2: Autor.

Prancha 11: Características Antigas, Preservadas na Lateral da Fábrica



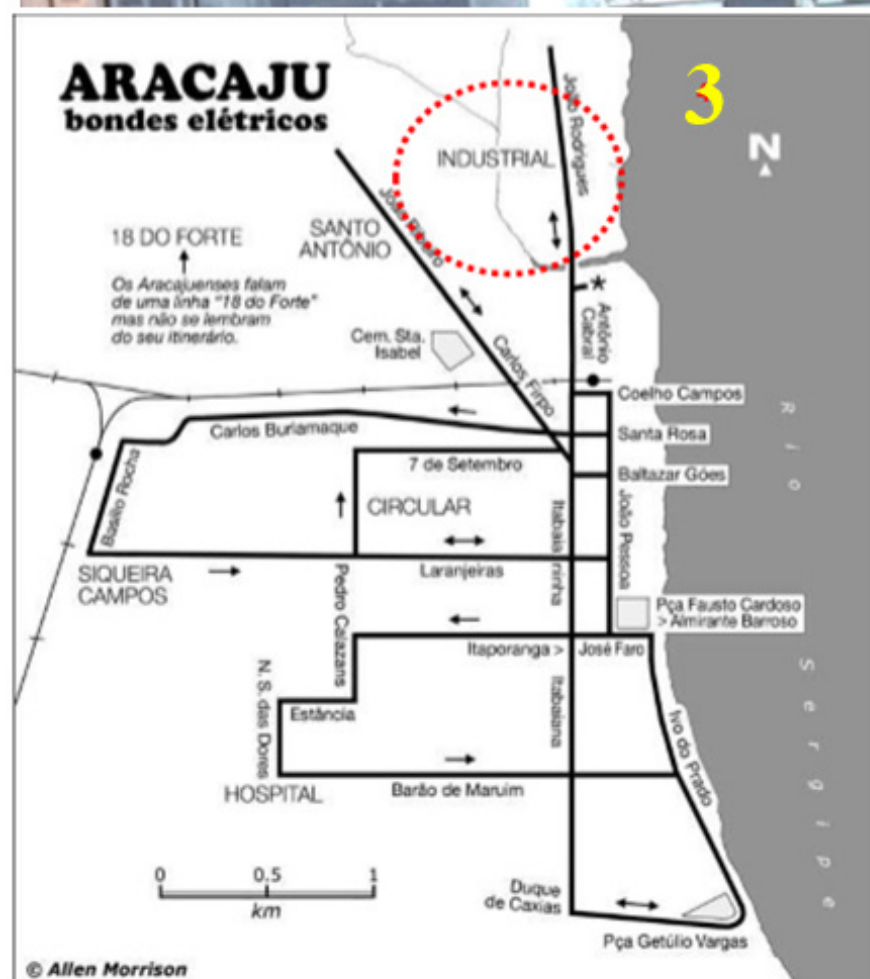
FONTE: Imagem 1, 2 e 3: Autor.

Prancha 12: Diferentes Momentos Construtivos



FONTE: Imagem 1 e 2: Autor.

Prancha 13: Fachada Voltada para Avenida João Rodrigues



FONTE: Imagem 3: Disponível em< <http://www.tramz.com/br/ac/acm.html> >, Imagem 1 e 2: Autor.

PRANCHA 14- JORNAIS DA ÉPOCA

Fabrica Confiança **1**

Na quarta-feira ultima, perante preséio numero de cavalheiros da nossa melhor sociedade, varias familias, e presentes não só os gerentes como diversos accionistas, teve lugar o lançamento da primeira pedra inaugural da futura *Fabrica Confiança*, da qual são socios directores a firma Ribeiro, Chaves & C.

A solemnidade foi precedida das regras estabelecidas, tendo o digno sacerdote Antidio de Menezes, feito a benção da referida pedra, em cujo bloco foi aberta uma cavidade, na qual foram collocadas algumas moedas brasileiras do anno que foi organizada a empresa, bem como a acta da sessão inaugural, assignada pela firma directora, accionistas e varios representantes de outras classes sociais.

Apoz, teve lugar a distribuição de doces e confeitos ás crianças que compareceram, bem como licores e cervejas a todas as presentes.

Segundo informações colhidas podemos assegurar que a manufactura do tecto já se acha bastante adiantada, cujo contracto foi feito com a acreditada firma José Alcides Leite, assim como os trabalhos de alvenaria proseguem em actividade.

Os machinismos estarão definitivamente aqui em Fevereiro proximo, devendo o funcionamento do preparo, fiação das fibras e sua tecelagem ser inaugurado em Junho de 1909.

Por nossa vez apresentamos nossas sinceros votos de parabens aos dignos fundadores da *Fabrica Confiança*, almejando lhes um futuro prospero e risonho.

JULHO **2**

Chegará a esta capital uma quadrilha do Avança; o café Java será considerado a melhor casa do seu genero; apitará pela primeira vez a Fabrica Confiança; na praia da Fundição; apparecerá um peixe extranha com a cara de macaco; chegarão os primeiros feixes de lenha pela Santa Maria, e realizará a sua terceira viagem da Europa aqui o *Navigator*.

Fabrica Confiança **3**

São convidados os srs. accionistas á realisarem a 5ª entrada, ou seja 10 % do capital subcripto ao prazo de 30 dias a terminar em 2 de Dezembro proximo.

Aracajú, 3 de Novembro de 1908.

A Direcção.

FONTE: Imagem 1, BND- Jornal Folha de Sergipe, 1908
Imagem 2, BND- Jornal O Espião, 1909
Imagem 3, BND- Jornal Folha de Sergipe, 1908

Prancha 15: Prospeção Sistemática do Campo Confiança



FONTE: Adaptado de Google Maps.

Prancha 16: Diferentes Materiais Construtivos do Campo Confiança



FONTE: Imagem 1: Autor.

Prancha 17: Evidencias Materiais na Lateral do Campo



Fonte: Imagem 1, e 2: Autor.

Prancha 18: Elementos Arquitetônicos e Construtivos do Campo Confiança



FONTE: Imagem 1, 2 e 3: Autor.

Prancha 19: Elementos Arquitetônicos do Campo Confiança



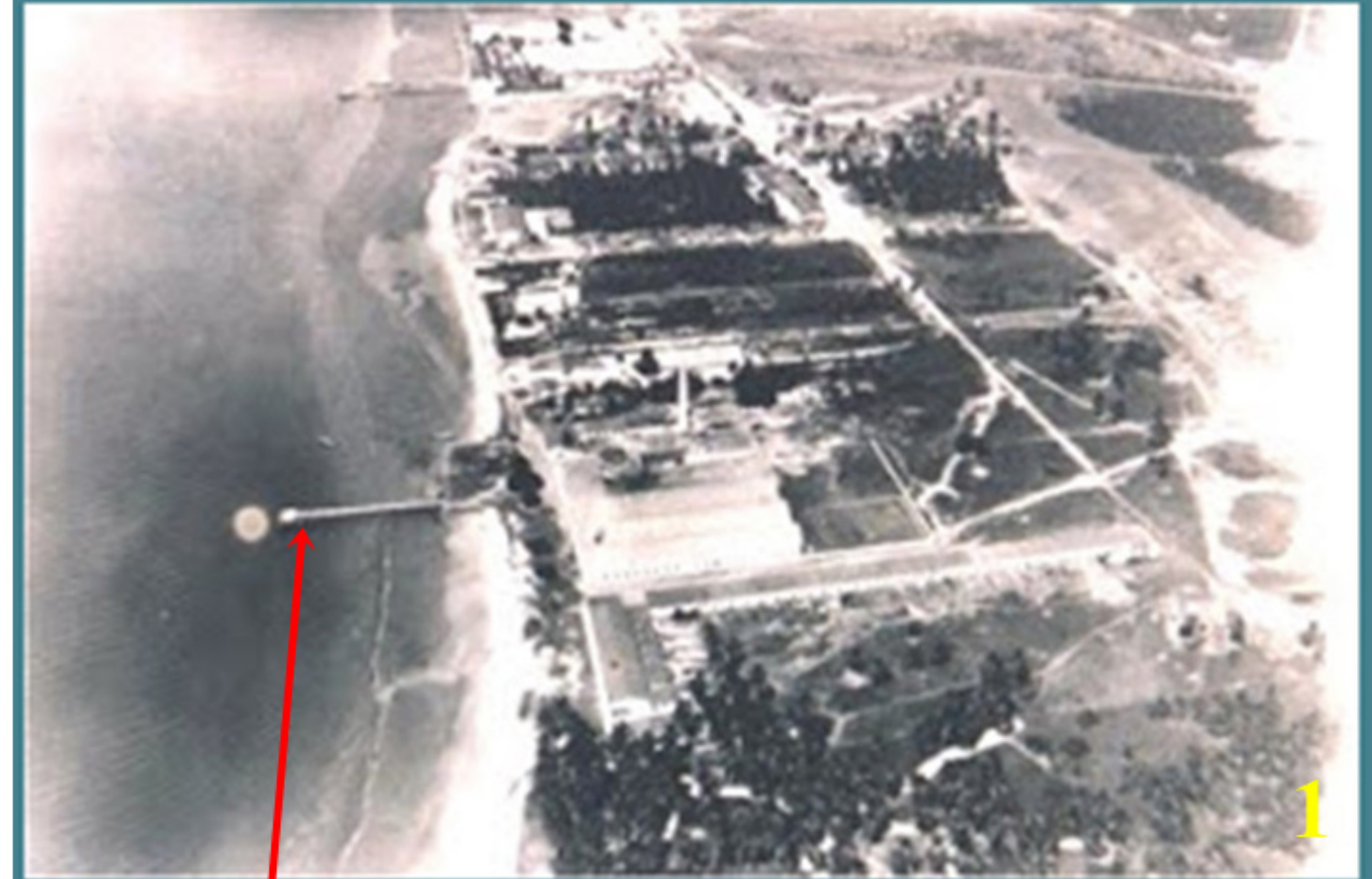
Fonte: Imagem 1: Autor.

Prancha 20: Redirecionamento da Fachada Principal



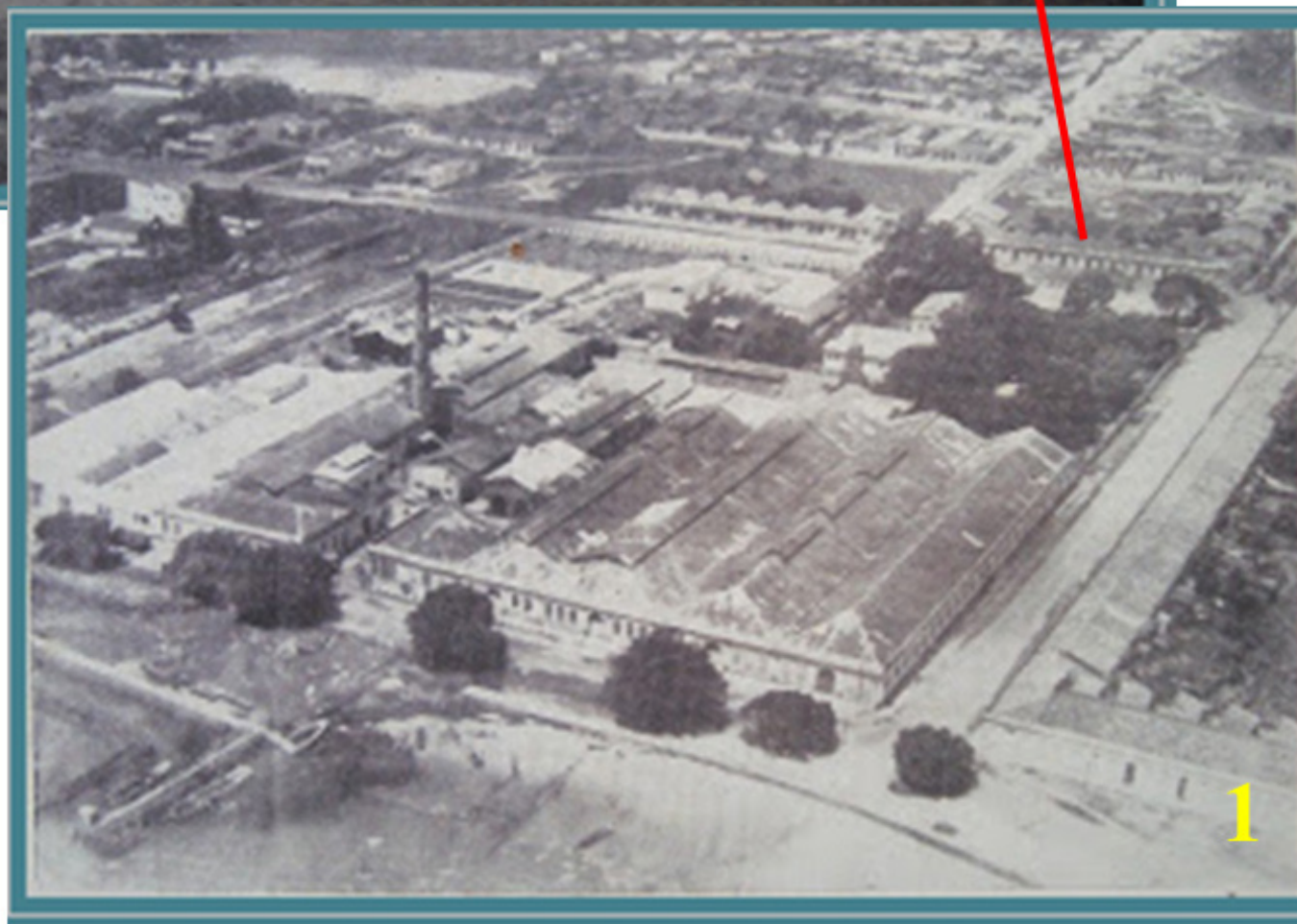
Fonte: Imagem 1: Autor.

Prancha 21: Instalação Portuária



FONTE: Imagem 1 e 2, Disponível em: <<http://aracajuantigga.blogspot.com.br/2009/09/o-bairro-industrial.html>>.

Prancha 22: Vila Operária



Prancha 23: Elemento das casas da Vila Operária

